A CASA DAS PAREDES GELADAS

Programa editorial da

LIVRARIA E EDITÔRA LOGOS LTDA.

"ENCICLOPÉDIA DE CIÊNCIAS FILOSÓFICAS E SOCIAIS"

de *MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS*

Volumes Publicados:

1) *"Filosofia e Cosmovisão"* — 4.ª ed. — 2) *"Lógica e Dialéctica"* (incluindo a Decadialéctica) — 3.ª ed. — 3) *"Psicologia"* — 3.ª ed. — 4) *"Teoria do Conhecimento"* — 3.ª ed. — 5) *"Ontologia e Cosmologia"* — 2.ª ed. — 6) *"Tratado de Simbólica"* — 7) *"Filosofia da Crise"* (problemática) — 2.ª ed. — 8) *"O Homem perante o Infinito"* (Teologia) — 9) *"Nosologia Geral"* 2.ª ed. — 10) *"Filosofia Concreta"* — 2.ª ed. no prelo. — 11) *"Sociologia Fundamental"* e *"Ética Fundamental"*.

No Prelo:

12) *"Filosofia Concreta dos Valores"*.

COLEÇÃO TEXTOS FILOSÓFICOS

Sob a direção de

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

"Aristóteles e as Mutações" — Com o texto traduzido e reexposto, acompanhado de comentários, compendiados por *MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS*.

"O Um e o Múltiplo em Platão", de *MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS.*

A Sair:

"Obras completas de Aristóteles" — "Obras completas de Platão" — Acompanhadas de comentários e notas.

COLEÇÃO "OS GRANDES LIVROS":

"Don Quixote de la Mancha", de Miguel Cervantes — ilustrada, com gravuras de Gustavo Doré — 3 vols. enc. — *"Paraíso Perdido"*, de Milton, com ilustrações de Gustave Doré, em 2 vols. — *"Fábulas de La Fontaine"*, com ilustrações de Gustave Doré, em 3 vols.

A Sair:

"A Ilíada", de Homero. *"A Odisséia"*, de Homero. *"A Eneida"*, de Virgílio. *"A Divina Comédia"*, de Dante, com ilustrações de Gustave Doré, em 3 vols. *"Gil Blás de Santilhana"*, de Le Sage, com ilustrações.

ANTOLOGIA DA LITERATURA MUNDIAL:

1) "Antologia de Contos e Novelas de Língua Estrangeira". 2) "Antologia de Contos e Novelas de Língua Estrangeira". 3) "Antologia de Contos e Novelas de Língua Portuguêsa". 4) "Lendas, Fábulas e Apólogos". 5) "Antologia do Pensamen-

to Mundial". 6) "Antologia de Famosos Discursos Brasileiros". 7) "Antologia de Poetas Brasileiros". 8) "Antologia de Poetas Estrangeiros".

Obras de

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

PUBLICADAS:

"Filosofia e Cosmovisão" — 4.ª ed. — *"Lógica e Dialéctica"* — 3.ª ed. — *"Psicologia"* — 3.ª ed. — *"Teoria do Conhecimento"* — (Gnoseologia e Critèriologia) — 3.ª ed. — *"Ontologia e Cosmologia"* — (As ciências do Ser e do Cosmos) — 3.ª ed. — *"O Homem que Foi um Campo de Batalha"* — Prólogo de "Vontade de Potência", ed. Globo — Esgotada — *"Curso de Oratória e Retórica"* — 6.ª ed. — *"O Homem que Nasceu Póstumo"* — (Temas nietzscheanos) — 2.ª ed. — *"Assim Falava Zaratustra"* — Texto de Nietzsche, com análise simbólica — 3.ª ed., no prelo. — *"Técnica do Discurso Moderno"* — 3.ª ed. — *"Se a esfinge falasse..."* — Com o pseudônimo de Dan Andersen — Esgotada — *"Realidade do Homem"* — Com o pseudônimo de Dan Andersen — *"Análise Dialéctica do Marxismo"* — Esgotada — *"Curso de Integração Pessoal"* — (Estudos caracterológicos) — 2.ª ed. — *"Tratado de Economia"* — (Edição mimeogra-

fada) — Esgotada — *"Aristóteles e as Mutações"* — Reexposição analítico-didática do texto aristotélico, acompanhada da crítica dos mais famosos comentaristas. — 2.ª ed. — *"Filosofia da Crise"* — (Problemática filosófica) — 2.ª ed. — *"Tratado de Simbólica"* — *"O Homem perante o Infinito"* (Teologia) — *Noologia Geral"* — 2.ª ed. — *"Filosofia Concreta"* — *"Sociologia Fundamental* e *"Ética Fundamental"* — *"Práticas de Oratória"* — *"O Um e o Múltiplo em Platão"* — *"Assim Deus Falou aos Homens"* — *"Vida não é Argumento"* — *"Certas Subtilezas Humanas"* — *"Casa das Paredes Geladas"*.

A Publicar:

* *"Filosofia Concreta dos Valôres* — * *"Os versos áureos de Pitágoras"* — * *"Pitágoras e o Tema do Número"* — * *"Tratado de Estética"* — * *"Tratado de Esquematologia"* — * *"Teoria Geral das Tensões"* — * *"Dicionário de Filosofia"* — * *"Filosofia e História da Cultura"* — * *"Tratado Decadialéctico de Economia"* — (Reedição ampliada do "Tratado de Economia") — * *"Filosofia da Afirmação e da Negação"* — * *"Temática e problemática das Ciências Sociais"* — * *"As três críticas de Kant"* — * *"Hegel e a Dialéctica"* — * *"Dicionário de Símbolos e Si-*

nais" — * *"Metodologia Dialéctica"* — * *"Discursos e Conferências"* — * *"Em Busca dos Caminhos Perdidos"*.

TRADUÇÕES:

* *"Vontade de Potência,* de Nietzsche — * *"Além do Bem e do Mal"*, de Nietzsche — * *"Aurora"*, de Nietzsche — * *"Diário Íntimo"*, de Amiel — * *"Saudação ao Mundo"*, de Walt Whitman.

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

A Casa das Paredes Geladas

Livraria e Editôra LOGOS Ltda
Praça da Sé, 47 — Salas 11 e 12
Fones: 33-3892 e 31-0238
São Paulo

1.ª edição — novembro de 1958

Todos os direitos reservados

ÍNDICE

Págs.

A Casa das Paredes Geladas 15

O Estranho dr. Selêuco 39

Pitágoras de Melo existe 91

A Eternidade de Fausto 109

As Dez Noites 117

O Novo Diálogo de Hamlet 123

De *Walt Whitman*

Saudação ao Mundo 133

Há muito, há muito tempo, América 159

Transbordante de vida 161

Canto da Estrada Real 165

Ao Leitor

Respeitar o que realizamos quando jovem é não profanar a juventude e as esperanças que foram nossas.

Este livro não o escreveria hoje. O que há nêle foi vivido numa época que se me afigura distante, mas que ao mesmo tempo parece tão próxima, porque muito do que hoje penso e do que hoje faço, tem sua gênese naquela mesma juventude a quem desejo devotar a fidelidade de não modificar o que sentiu e o que viveu.

Leitor amigo, ao leres êste livro, considera êsse meu testemunho, e sê justo.

Mário Ferreira dos Santos

A CASA DAS PAREDES GELADAS

Na poltrona, ao pé do fogo que lhe aquece as pernas e rosa-lhe o rosto magro, Yann não faz um movimento siquer. Os olhos estão magnetizados pela chama que dança na lareira.

E os pensamentos correm, descontínuos. Esquece-se do tempo, porque não é mais tempo. Yann é só recordação. Está sòzinho, ali, com a sombra móvel projetada no fundo da sala e fala com ela, sem que seus braços se movam.

Lá fora o vento fustiga, a noite geme no vento que corta de frio.

— Quer tomar alguma coisa? — Pergunta a velha Cristina.

— Não, Cristina. Obrigado. Hoje não quero mais nada. Pode deitar-se. Boa noite.

— Boa noite.

E lá vai ela, curvada, arrastando a perna.

Yann curva-se sôbre o fogo que tremeluz. A luz fraca da chama deixa ver a barba cerrada que lhe ensombreia o rosto e a palidez parece de cêra. A noite é igual àquela em que lhe morreu a mãe. Era, assim, também, o frio uivava e, em casa, êle tremia de frio. Entrava-lhe pelos ossos, e quando viu a mãe morta, pálida, na cama, tremeu mais, não de frio, mas de mêdo. Nas noites em que o vento uivava, parecia-lhe que a morta gemia, lá fora, a sua canção terrível. "Naquela noite..."

Foi como vendedor de fósforos que se fêz homem. À porta dos teatros: "Fósforos! Fósforos!", à porta dos cafés: "Fósforos, senhor! Fósforos!" E encolhia-se de frio à porta das casas. Dormia no vão de uma escada na casa da velha Beatriz, e era lá que muitas vêzes comia os restos do almôço.

Marta! Lembrava-se das noites, que juntos, êle com o braço à volta do pescoço, sentindo-a bem junto de si, ambos conversavam sôbre o que os preocupava mais: a sua carreira, o dia de amanhã, a casa, o filho que ambos iriam criar.

O silvo de um trem distante põe uma pausa nos pensamentos, desviando-os. Mas o silêncio volta de mansinho para trazer à memória os dias passados.

Yann arrepia-se de frio. Um frio

que vem de dentro, o frio que o acompanhou na vida.

E por que a perdera tão cedo?

Agora está sòzinho. Lembra-se daquêles dias de chuva, daquêles dias de sol, daquelas noites estreladas, daquelas agonias contadas pelo vento, que geme e uiva através das árvores, marulhando como ondas do oceano, ou zumbindo nos beirais das janelas. Mas tudo isso não é apenas o mundo. Há alguma coisa mais que vivemos.

Há quem viva também a morte, o passado, a eternidade, na repetição dos mesmos gestos, na reprodução das mesmas palavras, na evasão de si mesmo — êsse terrível cansaço de nossas eternas dúvidas e inquietações — e que busca um além, todo feito de silêncio e de sono. Yann sente que a sua voz interior é absurda. Vê nos próprios olhos o

mesmo cansaço, o mesmo olhar perdido que nunca encontra. Há neles algo de quem se cansou de esperar. O olhar tem algo de fatalista, o desespêro gelado dos que se conformam em silêncio.

Será que êle é um dêsses sêres que vulgarizam até as coisas eternas?

Meu Deus, quando êle olha aquêle rochedo voltado para os mares, impertubável, sereno às ventanias, às borrascas, às chuvas, alto, esguio, descalvado, como uma sentinela incansável que não despega os olhos do mar e do tempo, chega a pensar que aquêle rochedo ainda espera um dia, numa primavera, beijado pela brisa leve, pelo vento morno e pelo sol suave, que de sua epiderme saía uma flôr. Uma flôr tenra como as flôres dos campos, que pudesse perfumar os oceanos, e fôsse como um

aceno de esperança para os marinheiros que se perdem nas distâncias, vivendo a mesma história que, em cada capela da Bretanha, descreve uma recordação de heroísmo e de morte. Aqui, na Bretanha, a morte vive ao lado do heroísmo e há luto em tôdas as almas, porque em tôdas as almas o tempo passou como um huno, marcando seu nome de fogo em todos os corações.

Os pensamentos de Yann entristecem-no cada vez mais.

Bretanha, a obra-prima do mar! — exclama para si mesmo. Nos montes descalvados e agudos de Arré... ali viveu a sua história de amor. O mar que perfura os aberes, corta aquêles promontórios, alarga as baías, povoadas de ilhotas e recifes, num tumulto primitivo como do início do mundo. Na silhueta das pontas de terra negra que avançam

para o mar, há um gesto humano de vitória e de vontade. Bretanha, minha filha do mar!

O mar penetra por aquelas terras, invade aquelas aberturas, vai distante, longe, até às casinhas rústicas dos pescadores, lamber os caminhos pedregosos. É uma luta selvagem? Não! É a carícia selvagem do mar para com a terra.

Recorda os tons fugazes do mar e do céu. Há um pálido que empalidece as côres. Não há as luzes teimosamente vivas do meio-dia. Há artifícios de luz cambiante, uma melancolia mansa, demorada, primitiva, de núpcias espirituais, uma pátina pitoresca que envelhece até as coisas novas. Ali nascemos com o tempo. Isso é que é, Marta, a eternidade!

Alí, juntos aos quistos de Laz, em Kargou, em Roch Trevezel, nos

Montes de St. Michel, naquelas Montanhas Negras, alí encontramos o imponderável, Marta, alí nossos olhos se insinuaram pelas paisagens repousadas e a nostalgia cimentou nossos desejos de eternidade. Amamos, amamo-nos, por que desejávamos a eternidade.

*

Bretanha triste, que mentira, Marta! Como Loti mentiu.

A nostalgia que o penetrou não foi além de si mesmo. Se olhasse bem, olhasse profundamente, teria ido além de si mesmo, além do mundo, além dos céus. Acharia o que está distante de nós, de nossas almas, porque a Bretanha nos ensina a compreender a imortalidade.

Como Renan mentiu quando exclamou ante a Deusa da Acrópole: "Nasci... entre os Cimérios... que

habitam as margens de um mar sombrio eriçado de rochedos, sempre batidos pelas tempestades. Mal se conhece o sol... As nuvens parecem sem côr, e a própria alegria é alí um pouco triste..."

Não! A Bretanha é também a luz clara das manhãs que ofuscam. Por que a vistes só com vossos olhos? Por que a sentistes só como vossos sentidos? Onde estava a vossa alma que não ouviu as vozes eternas que falavam e ainda falam por aquêles campos, por aquêles rochedos, por aquelas montanhas de pedra negra? Alí é Deus quem fala. É uma voz de todos os tempos e de tôdas as eternidades.

À noite assobia um vento de além-túmulo. Por que duvidais, cépticos? Ide alí e, à noite, ouvireis as vozes irreais, que vêm pelas trevas can-

tando a litania de uma morte gloriosa e libertadora!

As côres daquele céu são tão simples como a simplicidade daquelas almas que caminham tôdas ao mesmo passo.

Foi ali, na igreja de Saint-Thégonnec, que nos casamos. Era um claro domingo de sol que a nossa felicidade via ainda mais claro. Havia um sorriso de grave felicidade nos nossos rostos e, tu, tímida, meiga e acanhada, nem levantavas os olhos para mim, como se me temesses olhar.

Ali está ela, a nossa igreja, onde juramos envelhecer juntos. Marta, que serena sobriedade na sua arquitetura! Tudo tão semelhante aos nossos campos, aos monte de Arvés. Os balaústres, os nichos, as cúpulas superpostas, tudo indicava a

eternidade. Nosso juramento não seria jamais desmentido.

Lá, longe, distante, onde fica o último rochedo, emergindo indeciso do mar verde, está o farol de Vieille.

Ali, em Douarnenez, íamos comprar sardinhas e sorrir ao ouvir das vozes graves dos pescadores. Um odor de maresia e de salmoura vinha até nós. Marta, em cada pedra escura de Saint-Thégonnec parece haver uma história como a minha, uma história como a tua para contar. Ali, em cada pedra, há a nossa vida, que é a de todo o nosso passado. A voz dos sinos ecoa pela cidade, alegre ou triste, com a mesma serenidade que vem dos séculos. Ouve, Marta, é a voz de nossos pais, de nossos avós, que ainda falam à frente da igreja, e que, respeitosos, se persignam, desejando que Deus lhes dê a paz de espírito, a única felici-

dade que desejam na terra dos homens..."

"Foi ali, em Saint-Brieuc, que fui amar as histórias medievais. Sob o céu enevoado de uma fina umidade, e, à noite, eu ouvia contar as histórias maravilhosas que me embriagavam. O vale de onde não se retornava mais... Aquela floresta legendária de Paimpont guardava Viviane, a fada encantada que me daria os pais que me faltavam. Yvain, o Cavaleiro do Leão... A dama da Fonte deveria ser alta, meiga, de olhar tão manso que acariciasse os meus cabelos e me erguesse nos braços chamando-me de filho. "Vem, meu filho!"

Ali, o mar dá, e o mar tira. Há sempre a contribuição de vidas ao mar.

Meus pobres marinheiros, meus homens de olhos azuis, cheirando a

maresia, de gorros engomados de breu, de camisetas de lã tricotadas, que contais histórias maravilhosas nas tabernas rústicas de Paimpol! Talvez, por lá, esteja outro Yann, como eu, vendendo fósforos à porta das tabernas e ouvindo com o olhar perdido as histórias que contais!

E quando seguia pelos caminhos que levavam de Paimpol a Tréguir, atapetados de folhas sêcas, porque era outono, esperava que, de trás de um pinheiro, saísse a Dama da Fonte ou Viviane, a fada encantada, para me estirar a mão benfazeja. E era depois, em Plouha, na capela de Kermaria, que muitas vêzes ia pedir a Deus Nosso Senhor que permitisse à Dama da Fonte me segurasse em seus braços, como se fôsse pequenino como o Senhor Deus Menino nos braços de sua mãe.

Bretanha, tu és eterna, porque tu crês na imortalidade!

Em cada caminho há uma cruz de pedra que nos recorda a Deus e nos faz ter sempre presente a simbolização da Morte!

Ó, terra da profundidade!

É na primavera e no outono que tu, Bretanha, és tu mesma! Que giestas! Um céu repintado de côres várias, de um azul mediterrâneo, por onde passa o odor saudável das macieiras e dos pilriteiros em flor. Uma pastoral para poetas, temas eternos para tôdas as canções do homem que adora a vida. À noite há sempre o silêncio a cobrir de sombras tôdas as coisas. E à noite, há a gestação das grandes angústias de além-túmulo. À noite, as almas falam com a morte e há sempre o desejo das luzes claras da madrugada.

O juízo final será de madrugada... Isso é a primavera da Bretanha!

À sombra das aveleiras e dos pinheiros de troncos disformes... eu te falava da minha paixão. No langor da atmosfera daqueles dias do outono, quando as luzes agonizam, aumentando a melancolia que impregna as terras áridas da Bretanha, nós éramos felizes. Para os lados do Oriente ainda passava uma névoa azulada de outono que se ia fundir sôbre os últimos cambiantes das folhagens.

Um canto fino de tarâmbola acudia aos nossos ouvidos, e quantas vêzes ficávamos ao lado das árvores ouvindo o canto invisível dos "courlis".

Mas êsse langor, êsse silêncio da Bretanha, no outono, não cala nem amolece a eloqüência de sua atmosfera máscula!

Aquelas paredes serenas de granito liso da catedral de Saint Brieuc têm uma serenidade pascaliana. Lembras-te, Marta?

Auguste Mathias Villiers de L'Isle-Adam, teu nome alexandrino, sonoro e cheio de recordações; era ao lado de teu busto que eu sonhava com o mar.

Sôbre a ponte de Souzain, que de vêzes a atravessei para entrar no vale de Gouet, por entre seus penhascos abruptos, a caminho de Paimpol.

E, em Paimpol, à sombra dos carvalhos de troncos retorcidos, ficava olhando o mar, olhando o mar, meu mar de Islândia. E em Plouha, admirado e respeitoso, ia ouvir falar na língua de "Goelo", o idioma sagrado da Bretanha, o "brezoneg".

E aquelas mulheres de barretes

de fofos, de largas barbas de tafetá!...

Quantas vêzes fui a Plouha, até à capela de Kermaria, ver a galeria dos apóstolos de pedra. E nas paredes calcárias havia aquela dança macabra da Idade Média, onde se liam, abaixo dos personagens ali pintados, os versos do século quinze que venerávamos.

A luz do poente fôsco laminava as águas do mar, como escamas, de ouro e prata, de peixes fantásticos, naqueles crepúsculos de verão hiperbóreos, refletidos nos espelhos do mar...

Ali, não longe de Paimpol, está Beauport, e suas ruínas históricas.

As ervas, por entre as pedras imemoriais, invadem como bárbaros incontroláveis os lugares santos por onde os abades haviam passado as horas de contemplação e de ascese.

Naquelas catacumbas ogivais ainda estão as cinzas dos homens que viveram ali. Ali, em Lanleff, em Lanvollon, ainda há algumas reminiscências druídicas, e ainda nos contam histórias dos tempos perdidos em que se adorava o sol...

Quantas vêzes, fui até Brehat, cercada de arrecifes, de ilhas vermelhas de coral, pontilhando o azul das águas. A Port-Clos, junto às pedras, passava horas contemplando o mar. Hoje poderia compreender alí o manaquismo armoricano que nasceu em Levret e dalí se alastrou pela Bretanha. Havia nêle um sentido de morte, um sentido piedoso de morte.

Junto ao mar azul e o céu azul como a união de dois infinitos, da vida e da morte. Ali, um dia, desejei até morrer e me atirar ao mar. Seguir levado pelas ondas que longe, no horizonte, se uniam aos céus.

Era pelo mar que atingiríamos o céu, no fim da terra.

À sombra de um grande pinheiro, junto aos muros espessos por onde nasciam os cravos, eu te dei o primeiro beijo.

E os monjes de Beauport, da ilha Verde, em suas tristes e caladas penitências, como poderia esquecê-los! Com que religioso respeito eu os via passar na minha imaginação.

Nas ruínas da abadia de Beauport, por entre os pilriteiros, por entre as ervas, emergem ainda as portas ogivais. Atapetam os caminhos as ervas que o sol beija, passando por entre as aberturas das paredes rasgadas.

Ali, há silêncios que nos deixam ainda ouvir as vozes guturais dos monjes que cantavam hinos ao Senhor.

No esplendor dessas tardes, junto ao mar, eu poderia crer que tu virias do fundo de tua eternidade para a minha eternidade. Ouve, ouve, Marta, dentro de nós fala a voz da eternidade. E continuo contigo passeando pelos jardins que guardam os nossos corações. Alí há um sol sempre morno, um ar tão puro, uma primavera quase infinita. E longe há um mar imenso como o da nossa terra, por onde andaremos numa galeota de velas brancas enfunadas, que não teme as tempestades nem as borrascas, por onde seguiremos guiados pela mão do Senhor. Desejamos a morte para conquistar a imortalidade! Podeis compreender a imortalidade sem a morte?

Aquela pedra talvez queira falar. E o que diria aquela pedra, e que diria aquêle muro se pudessem falar?...

Essas mãos calosas de marinheiros que sabem sempre fazer os mesmos gestos. Espalmam-se na oração que seus avós já faziam. Mãos eternas, tortuosas, duras, encardidas da vida e dos trabalhos.

Há gente que não sabe mais falar de tanto haver ruminado os seus ressentimentos. Passei um minuto ali, ante aquela igreja. Um minuto? E por que não um século? Ali os séculos e os minutos não são a mesma coisa?

A cidade encardida, distante, repousa sôbre o verde de alfombra dos campos. Parece um brinquedo de criança que a tarde houvesse esquecido encostado ao horizonte...

Tantas vêzes vi isso tudo que já nem reparava.

E aqui há o tempo que percorre tôdas as coisas. Há tempo junto às coisas, casado com as coisas. Por que

julgam que o nada nos espera? Por que desesperam da incapacidade de crer?

Aquêle marinheiho, que às tardes eu vejo malhando aquela rêde, está ali há séculos, há séculos, sim, malhando uma rêde, e daquele cachimbo de barro se evola uma fumaça azulada que brinca de nuvem...

Sono, um sono boceja por entre os lábios e verga o rosto enrugado da velhinha que o acompanha. Dormirás, minha velhinha, dormirás anos, anos e anos de anos. Mas outras velhinhas, como tu, ainda bocejarão, pedindo um pouco de descanso que nunca faltará aos vossos corpos cansados.

Yann tem lágrimas nos olhos. Sua excitação lírica domina-o todo. Senta-se na poltrona. O frio enregela-o. As mãos estão frias, frias.

E o frio penetra-lhe por todo o corpo.

— Marta! — exclama.

Aquelas paredes gelam-lhe a alma.

— Marta, não me deixes só. Espera por mim.

Um sono invade-lhe o corpo. Um sono frio...

Fósforos... fósforos...

O ESTRANHO DR. SELEUCO

Quando conheci o dr. Seleuco, guardei para sempre na memória a sua fisionomia. Era um homem pequenino, dobrado sôbre si mesmo, magro, e vestia um terno escuro e fora da moda. Tinha os olhos brilhantes de um azul acinzentado, de aço. Era difícil penetrar na profundidade daquele olhar.

Foi numa noite cheia de sombras, em que eu viajava pelo interior do País de Gales, que o conheci.

Estava num dêsses horríveis hotéis onde havia uma luz de bruxo iluminando a sala de jantar, como para esconder a pureza duvidosa dos

guardanapos e do pano de mesa com manchas recentes de vinho.

Havíamos sentado na mesma mesa. Não havia outro lugar, e tivemos de jantar juntos. Fomos obrigados, por isso, a dirigir a palavra um ao outro e acabamos por conversar demoradamente, máxime durante a sobremesa.

Êle, como eu, estava de estômago cheio, pois comera fartamente. Mas, após alguns passeios pelas ruas escuras, para "baixar a comida", como eu propusera, falou-me estranhamente assim:

— Meus métodos são até certo ponto originais e tenho certeza de que úteis para quem procura acorrentar a humanidade. Os homens têm sofrido por ter sido demasiadamente livres e nada lhes tem feito maior mal do que essa liberdade que têm gozado, graças à estupidez

de certos homens públicos e agitadores vulgares que houveram por bem convencê-lo de que na liberdade se é feliz. É necessário utilizá-lo de maneira mais inteligente. Há grandes possibilidades de aproveitamento do homem. Devemos aproximá-lo mais da máquina. Convencê-lo da grande vantagem que ela lhe oferece. Ela substitui os esforços e poderá, com o tempo, substituir muitos homens. Não importa que em parte a humanidade aumente de população, porque poderemos inventar novas guerras para destruir o que houver em excesso.

Pròpriamente a guerra serve para isso. Tornando a máquina mais útil para o homem, dando a ela um valor certo, poderemos levá-lo a amá-la mais, desgostando-o, por meios que poderemos usar, de todos os os outros prazeres demasiadamente

humanos. Poderemos convencê-lo de que êstes, além de perigosos, são desagradáveis. Tornaremos assim os homens como máquinas e poderemos, graças à instrução superior, fazê-los por série quanto à mentalidade. O aborrecimento que sobrevém depois do serviço exaustivo das fábricas poderemos convencê-los de que é a coisa mais agradável do mundo, e deve saber que é muito fácil convencer os homens do que lhes é agradável ou não. E isso êles aceitam com certa ingenuidade.

Criaremos assim homens puramente virtuosos no nosso sentido. Exploraremos-lhes a alma com inteligência, e fàcilmente, por que êles são crédulos. E poderemos realizar, no mundo, um regime perfeito que assegure aos dirigentes a maior soma de vantagens possíveis.

Você não concorda com isso?

Naquela noite escura, naquelas ruas sem luz, eu só tinha uma solução: concordar. Não pròpriamente porque aquêle homenzinho me metesse mêdo, mas por espírito de análise, com o intuito único de conhecer mais um espécime original dessa fauna interessante dos homens.

Naquela noite não pude dormir. Passei ruminando as palavras do homenzinho de olhos brilhantes, de um azul cinzento, e cujo olhar não conseguira penetrar.

Pela madrugada, de cansado, adormeci. Mas foi um momento sòmente porque haviam batido no meu quarto, anunciando que era hora de me levantar para tomar o trem da manhã.

Só longe, depois, nos campos solitos, é que pude integrar-me dentro de mim e pensar mais friamente nas palavras interessantes do ho-

menzinho inesquecível. Foi só então que me lembrei de que não lhe perguntara o nome.

Como se chamaria êle?

Que nome teriam dado àquele homenzinho interessante? Que estranho nome teriam dado? Não podia esquecer o modo quase temeroso com que nos trataram no hotel, o que para mim, então, era inexplicável.

Durante tôda a viagem não pude esquecer-me do homenzinho de olhar cintilante, de aço, que conhecera no vilarejo onde estivera na véspera. Era muito natural que no trem, assim que me distanciasse daquela vila, fôsse aos poucos, ante o espetáculo novo das paisagens que admirava, esquecendo aquêle que queria produzir homens virtuosos. Prometi a mim mesmo que voltaria logo que pudesse àquela vila, para

conhece melhor a personagem que me enchia o cérebro de profundas divagações. Não me perdoava o não haver-lhe perguntado o nome. Nem no hotel perguntei quem êle era. Mas explico o meu desinterêsse. Eu fizera uma péssima viagem. Daquele entardecer e daquela noite não guardava uma consciência bem clara do que se passara. A insônia não fôra mais que uma modorra meio desperta. E a imagem do homenzinho saltitava no meu espírito de mistura com palavras incompreensíveis, de recordações difusas, de teorias variadas que me chegavam de cambulhada com recordações de outras cenas já vividas.

Por isso, resolvi voltar, três dias depois, à vila do homenzinho de olhos cintilantes, de aço. Fui hospedar-me no mesmo hotel, onde conhecera aquêle que queria produzir

homens virtuosos. Busquei-o por tôda a parte e aguardei a hora do almôço, quando êle, certamente, apareceria, para, novamente, dirigir-lhe a palavra. Infelizmente não apareceu. Receando que tivesse ido para outro lugar, perguntei ao criado que me servia pelo homenzinho que jantara naquela noite comigo. Depois de longas explicações soube quem era. Não morava longe dalí. A casa ficava num lugar chamado "Velthill". Chamava-se Seleuco, e era um homem pouco conhecido. Clinicava? Não, não clinicava. Vivia entregue ao estudo e fazendo experiências. Alguns diziam que era bruxo. Na verdade era um homem bem gentil. As definições amáveis do criado revelaram-me o valor da gorjeta. Foi por isso que lhe dei uma bem regular, e êle me agradeceu espantado. Concluí que a minha

superava à do dr. Seleuco, e que, portanto, me valeriam frases mais amáveis, tinha certeza.

Dr. Seleuco... Estranhava o nome. Estranhava por todos os motivos. Estranhava tudo. Desejava pedir aos outros maiores explicações sôbre a personalidade do homenzinho de olhar cintilante. Perguntei a diversas pessoas se o conheciam. O mesmo olhar de espanto era a primeira resposta obtida. Depois, vinham longas explanações: bom homem, calado, fala pouco. Anda sempre assim, de luto. Vive no lugar chamado Velthill. É médico, sim senhor. Não, não clinica. Falam dêle. Dizem que a mulher é bruxa. Outros dizem que êle é lobisomem. Mas isso é coisa de gente ignorante.

E todos me repetiam a mesma frase: é coisa de gente ignorante, mas todos diziam que a mulher era bru-

xa e êle lobisomem. A gente ignorante estava dentro dêles. No fundo cada um acreditava que o dr. Seleuco era lobisomem e a mulher uma bruxa.

Maior ainda foi o espanto quando afirmei ao dono do hotel que pretendia falar com o dr. Seleuco, e iria visitá-lo. Ninguém me perguntou para quê. Mas o olhar, a distância que começaram a guardar de mim naquela tarde e durante a noite, convenceu-me de que me julgavam também um bruxo. Isso me fêz rir. Mas à noite, no quarto, quando fui deitar-me é que percebi que estava de roupa escura também. E pus-me a rir, imaginando-me um bruxo que vinha de outra terra para visitar um seu irmão. E resolvi tomar, na manhã seguinte, atitudes misteriosas, falaria empregando palavras esquivas, deixaria os dentes

à mostra, teria um olhar parado e distante. Isso provocaria espanto, mêdo, terror, e eu me divertiria. Rime, no quarto, antegozando o efeito.

— Amanhã... êles hão de ver.

Volvi os olhos para a folhinha dependurada na parede.

— Amanhã...13...e sexta-feira.

Pulei da cama. Fui certificar-me mais de perto. Realmente, sexta-feira, 13 de agôsto seria o dia seguinte.

Acordei mal-humorado. Passara mal a noite. Levantei-me para lavar-me e deparei com a folhinha à minha frente. Lá estava: sexta-feira, 13. Não havia dúvida de que o dia era o menos próprio para ir visitar um lobisomem. Afirmar que sou supersticioso seria mentir, mas afirmar também que não o sou, seria outra mentira. Demorei-me a tomar o café da manhã, preocupado, silen-

cioso. Não respondi a nenhuma das perguntas que o criado me fizera. Bebi o café em silêncio, o olhar cravado na distância. Ergui-me lentamente. Do fundo da sala o criado e o dono do hotel me espreitavam espantados. Não havia mais dúvida. Êles estavam convencidos de que eu era um bruxo. Aproximei-me lentamente dêles com o mesmo olhar perdido. O criado afastou-se e o gordo dono do hotel recuou para trás do balcão, tentando fazer um sorriso. Balbuciava algumas palavras. Talvez uma oração. Poderia ter rido, naquele instante. Mas estava tão convicto do meu papel de lobisomem que resolvi, sem olhá-lo, dizer à distância:

— Leva-se a cavalo uma hora para chegar até a casa do dr. Seleuco... — Não sei porque não havia feito uma entonação de pergunta

quando formulei esta frase. Juro que o fiz sem intenção. Saiu-me assim, indicativa. Foi quanto bastou para o hoteleiro abrir a bôca e dizer-me engroladamente:

— Como... como é que ...que o senhor sabe?...

— Hein?...

O tom da minha pergunta deveria ter sido excessivamente admirativo. Admirava-me de haver acertado. Mas o hoteleiro interpretou a minha interrogação como um protesto por êle haver duvidado de minhas qualidades de bruxo. Compreendi, e levei avante o meu papel:

— Sei porque sei...

Foi o quanto bastou. O homem tremia a papada. Fêz-me um sorriso que parecia uma careta. Receava contrariar-me.

— Arranje-me o cavalo... e diga depois quanto é?

Êle veio a mim, e perguntou-me ainda a tremer:

— O sr. voltará hoje?

— Hoje? Hoje... é sexta-feira. Talvez volte... Talvez não volte. Que sei eu?

— E o cavalo? — perguntou num engulho.

— Não há perigo. Êsse estará garantido. Quando voltar, voltarei com êle, tão bem como o vai comigo.

E retirei-me para um canto. Fui depois até a janela e perdi o olhar para a rua. Fazia esforços sôbre-humanos para pensar nas coisas prosaicas e diferentes possíveis, para evitar que me risse. O meu papel fôra bem representado e o homenzinho apressava todo o mundo para trazer o cavalo. Via-se que desejava, de qualquer maneira, ver-se o mais longe de mim. À noite, tenho certeza, ainda cedo se trancaria no hotel

e rezaria a noite tôda, pedindo a Deus que eu não voltasse.

Montei a cavalo, com a mesma expressão grave e distante. Ia dar às rédeas quando resolvi dizer:

— Se não voltar hoje, não permita que ninguém entre no meu quarto. Não mexam em nada...

— Não há perigo... não, senhor! Garanto...

Ergui o braço, a mão espalmada e fiz três acenos para o ar. O cavalo arrancou comigo. Mau cavaleiro, fiz esforços de equilíbrio para não cair. Mas o animal era de bom trote e atravessei a poeira da estrada a rir demonìacamente, satisfeito da minha teatralidade...

*

Eram quase dez horas da manhã quando cheguei a uma encruzilhada. Mais distante ficava uma casa

encravada entre o arvoredo espêsso que a cercava. No caminho alguém espantadamente me confirmou que ali era a casa, sim, do dr. Seleuco. E afastou-se de mim, às pressas. Estava já cansado da troteada e o meu corpo ressentia-se da posição. Só desejava descançar. Foi o que fiz. Demorei-me um pouco à sombra. Amarrei o cavalo que pastava agora à beira da estrada e pus-me a preparar as frases que deveria usar para com o dr Seleuco. Montei, e segui em direção à casa.

À porteira, estaquei. Não me decidia. Um caminho estreito e curvo deveria levar até à casa do dr. Seleuco que ficava por entre as árvores, mal divisada. Sexta-feira, 13, pesava-me de um terror primitivo e injustificado que eu fazia esforços racionais, mas quase inúteis, por afastar de mim. Entrei. Desmontei-

me, e fechei a porteira. Um cão latiu e veio em nossa direção. O cavalo que montava já não temia os cães. O fato de êle não ter refugado e obedecer francamente à minha rédea deu-me uma confiança, uma serenidade que as minhas razões não saberiam dar. Uma voz gritou ao cão:

— Satã, volta!

Satã. O nome do cão era Satã. Não estremeci por isso. Segui a passo pelo caminho, olhos perscrutadores em busca do ser humano que havia gritado. Parecia-me a voz grave do dr. Seleuco. O fato de o cão chamar-se Satã certamente contribuíra para que todos naquela zona julgassem o dr. Seleuco um lobisomem, um homem que "tinha parte com o diabo"...

Foi realmente êle quem saltou à minha frente. Estava em mangas de

camisa e trazia à cabeça um grande chapéu de palha. Saudou-me com um interêsse que me excitou. Quando desci e o cumprimentei, disse-lhe as frases que já havia preparado pelo caminho:

— Aquí estou, dr. Seleuco... Tem passado bem?

— Bem...

— Voltei de minha viagem. Suas palavras me impressionaram. Eis a razão por que resolvi procurá-lo. Creio que não sou inconveniente em minha visita e, depois, não será demorada, pois ainda voltarei hoje.

O dr. Seleuco fez-me um largo sorriso com olhos cintilantes, de aço. Mas o sorriso tinha algo de espantoso, e não pude conter o meu estremecimento, quando êle me disse estas palavras:

— Vir-me visitar...? Logo hoje, numa sexta-feira e treze...: — Seus

olhos cintilantes me examinavam friamente: — Descanse, meu caro, porque hoje não voltará mais para a vila...

Eu suava...

*

Era quase meio-dia e o sol a pino. Sentado tinha ante os olhos tôda a fantasmagoria das árvores retorcidas que cercavam a casa do dr. Seleuco. Estava só, e entregue a mim mesmo. Ruminava sôbre a estranha aventura em que me metera. Mas, afinal, êle não era uma figura tão terrível que me metesse mêdo. Viveria sòzinho naquele casarão? A pergunta impunha-se, porque não vira ninguém, nenhuma sombra de ser humano. Apenas êle e um cão? Mas a mulher?

Senti que alguém se movia atrás de mim. Voltei-me bruscamente, assustado.

Era êle, as mãos juntas, que me sorria.

— Vai almoçar conosco...

Conosco? Quem seria a outra personagem? A mulher?

Mas o dr. Seleuco tirou-me da dúvida, pois me disse:

— Terei oportunidade de lhe apresentar minha mulher.

Então realmente existia a mulher de que falavam.

Convidou-me para entrar. Entrei. Um bafo môrno veio de dentro da casa. A obscuridade da peça, pouco me deixava perceber. A um canto vi uma forma humana que se movia. Magra, esquálica, alta. Era a mulher. Um mal-estar apossou-se de mim.

Cumprimentei-a. Dr. Seleuco levou-me até perto dela. Tinha um olhar fixo como se olhasse sem me olhar.

— Estenda-lhe a mão...

Propôs-me êle. Estirei a minha e senti a dela fria, magra, como morta. Dr. Seleuco convidou-me depois para que me sentasse à mesa. Obedeci como um autômato. O terror gelava-me o sangue.

A mesa estava posta. Indicou-me o lugar. Sentei-me.

A mulher pediu-me licença e saiu. Ela servia-nos a mesa.

— Não temos criados — disse o dr. Seleuco. — Eu e minha mulher vivemos sòzinhos. O sr. ainda compreenderá...

Compreendia, sim. Quem poderia permanecer naquela casa?

Durante a comida eu não falava. A comida, na verdade, não era má. Mas, não sei por que, não podia engolir direito. O terror tirara-me todo o apetite. Abruptamente o dr. Seleuco, dirigindo-se para mim, disse:

— Quero dizer-lhe que não me estranha o fato de vir procurar-me em casa, depois da conversa que tive com o senhor, naquela noite, no hotel. Acredite que nunca falei a ninguém como falei aquela vez com o senhor. Despertou uma simpatia pouco comum em mim. Sabia que voltaria. — E tinha agora um ar triunfante. A mulher não tirava de mim aquêle olhar fixo, mas manso. Eu estava embaraçado. O dr. Seleuco mastigou um pouco. Depois, voltando-se para mim, prosseguiu:

— O sr. é um homem admirável. É o primeiro que me procura depois de me ouvir falar... e depois de ouvir os outros falar. Sei que, na vila, me consideram um bruxo. Contam histórias terríveis sôbre mim... — E riu-se. Mas era um riso sinistro. — Êles têm razão. Eu sou um bruxo.

E baixou a cabeça. Com as mãos tomou uma fatia de pão. O silêncio que ficara entre nós era uma barreira intransponível para mim. Tive vontade de forçar um riso, como para mostrar-lhe que levava aquilo à conta de "humor". Mas o olhar fixo e manso da mulher gelou-me o sorriso nos lábios. Para mim a situação era insustentável. Alguma coisa precisaria acontecer ali, pois me parecia que tudo parara: o tempo, a vida, tudo. Dr. Seleuco varou o silêncio e o meu terror com estas palavras pronunciadas mastigadamente:

— Um bruxo?... A solidão faz bruxos, porque a solidão nos faz penetrar em caminhos poucas vêzes trilhados pelos homens. Eu tenho minhas idéias. Sei que o sr. deseja conhecê-las. Não me farei de roga-

do. Depois compreenderá, certamente, por que sou um bruxo.

*

Olhando-me bem, o dr. Seleuco falou-me pausadamente assim:

— As leis gerais da ciência são aproximações práticas. São resultados estáticos do acontecer. Mas se a ciência, como a filosofia pela metafísica, interessa-se em estudar as leis gerais, os acontecimentos gerais, deixa de parte uma série de exceções que formariam campo, material até, para a formação de um novo capítulo da filosofia, seria uma espécie de metafísica do particular. Essa a minha opinião... — prosseguiu gravemente o dr. Seleuco — pode parecer a muitos estapafúrdia. É natural que as opiniões que não se cingem às normas clássicas e tra-

dicionais da ciência e da filosofia, causam naturalmente certo espanto como o pedaço de madeira de Júpiter no charco das rãs.

A pausa que êle fêz aí era absolutamente intencional. Desejava, certamente, permitir que suas últimas palavras ecoassem dentro de mim, enquanto perdia o olhar como se fitasse cenas só permitidas aos seus olhos privilegiados pelo destino. E continuou: — Mas veja o mundo circundante. Se examinar bem as coisas, os fenômenos, um por um, verá que o singular nos cerca. Note bem: o singular! Onde o geral? Onde a repetição, se não há repetições? Como estabelecer leis certas para regular casos repetidos, quando nunca há repetição? O dia de hoje não é o dia de ontem. Nem tampouco o sol é sempre o

mesmo. Sabemos que perde algo de sua fôrça. Com a imensa combustão perde calorias. Uma árvore cada dia que passa é diferente e não há duas iguais. Não há duas fôlhas iguais. Como estabelecer que domine o geral. Ora se as leis são estatísticas e aproximativas, deve-se aceitar que algo escapa à generalidade. Buscar êsse algo, estabelecer o segrêdo, o mistério, para o conhecimento dêsse algo, que é a exceção, é o segrêdo da minha nova ciência-filosófica, que, na falta de melhor título, doulhe o provisório de "Metafísica do particular". Tem o sr. alguma coisa a objetar a isso?

E o olhar era tão desafiador, que abanei negativamente a cabeça e fitei-o manifestando profunda admiração. O dr. Seleuco não pôde deixar se escapasse um sorriso vitorio-

so e mais maciado na voz e nos gestos, agora mais lentos, buscando intimidade para comigo, essa espécie de intimidade entre mestre e discípulo, isto é, sem deixar de ceder uma polegada nem descer um centímetro do alto de sua sabedoria.

— O nosso maior problema é vencermos a resistência do ridículo. Êsse o grande problema e que talvez haja morto muito filósofo e muito cientista, quando ainda jovem. Quem inventa uma nova teoria, uma nova ciência, uma nova hipótese, um novo problema, busca soluções para os problemas ainda não solucionados pelos senhores cientistas das grandes universidades do resto do mundo, e encontra, não o aplauso, mas a vaia. Note isso. Observe. Vencer essa vaia quando se é jovem, é difícil. Que se faz, então? Recua-se para a literatura. A literatura, o

poema, o romance, acredite, é o recurso de muita personalidade, de muito filósofo que se sente humilhado pelo ridículo. Todo o valor, é póstumo. É preciso antes morrer para ser admirado. Quer dizer que os homens são admirados em sua horizontalidade e nunca em sua verticalidade.

Êsse "nós dizemos" causou-me espanto. "Nós" era incluir-me na aprovação de suas idéias.

Dessa forma o dr. Seleuco descia de sua coluna, e vinha palestrar comigo, ao sopé. Já notara que a intimidade se formava não só por sorrisos, como por diversas vêzes que me tocara no braço. Não me contive e sorri para o dr. Seleuco numa íntima camaradagem.

— Assim, veja, há sempre receio, entre nós de se enfrentar o ridículo e lançar-se uma nova filosofia. A

conclusão que sobrevém é que só somos grandes depois de mortos. Resolvi, por isso, para mim mesmo, não enfrentar essa resistência difícil de ser suplantada. Estudo minhas teorias, construo-as, e espero que depois da minha morte se tornem conhecidas e possam ser aproveitadas pelos homens. Enquanto viver, prefiro o estudo. E por isso é que me afastei para uma vilazinha como esta, longe do mundo civilizado, vivendo para os meus estudos, entregue às minhas observações e na convicção agradável de que deixo para os homens uma grande obra que será de utilidade para os meus semelhantes.

— Que obra é, dr. Seleuco? Creio que não irá guardar segrêdo para mim...

— Não... absolutamente. Teremos oportunidade de conversar; ex-

por-lhe-ei as minhas teorias sôbre os homens e sôbre o mundo. Talvez até lhe mostre parte do que já tenho feito. E talvez o surpreendam as minhas opiniões. Há nelas alguma coisa que permitirá que se desvende um novo caminho para a humanidade. Mas deixe-me prosseguir onde estávamos: A lei da causalidade permitiu a formação da ciência com suas leis rígidas. No entanto, nada resiste menos a uma análise que essa lei. Para mim não existe essa causalidade, e a ciência, por mais esforços que faça, acaba tombando na convicção dolorosa (ou tombará) de que não existe essa relação causal. É uma concepção intelectualista...

— ...era essa a opinião de Spengler...

— ...e de Nietzsche, também, antes dêle...

— ...tem tôda razão...

— ...o racionalismo necessitava de fórmulas rígidas. A lei da causalidade é um princípio racionalista. Não há, já disse, uma repetição e, nisso, me distancio ferozmente de Nietzsche, que ainda sonhava com um "eterno retôrno"...

— ...Bem... — interrompi... — mas a concepção de Nietzsche era diferente. Êle julgava... — O dr. Seleuco interrompeu-me com um gesto enérgico:

— Sei... sei!... Não nos interessa agora nem Nietzsche nem Spengler. Interessa a minha filosofia, compreendeu? — O tom de voz serenou para prosseguir: — A concepção da causalidade é posterior. Vem numa forma mais avançada da cultura humana. Antes de Sócrates seria inaceitável uma afirmação definitiva. A concepção mítica solucionava in-

dependente da causa. A vontade misteriosa e suprema dos deuses ou das fôrças caóticas explicavam melhor. Mas o homem formando esquemas lógicos e racionais, teria de formar uma ciência lógica e racional, pois a base de sua perspectiva era essa. Assim a lei da causalidade é uma conquista posterior, uma conseqüência dessa concepção lógico-racionalista...

— ...um efeito?... Não é isso?

— Hein?... — O olhar era novamente feroz. — Que disse? Um efeito? Sim, um efeito aceito, como palavra prática. Não no sentido metafísico que dão. — Olhava desconfiado. Eu fazia esforços sôbre-humanos para me conter. Tinha também minhas razões para contrapor às do dr. Seleuco, embora, em grande parte, me solidarizasse com sua interpretação filosófica. Êle transpôs

a pausa que se interpusera, e prosseguiu:

— A concepção causal tem alguma coisa de morta. Não pode ser vivida, compreende. E é uma grande fraqueza da filosofia que fundamentemos nela todo o nosso conhecimento. Há uma concepção causal mecânica aceitável, como norma de análise, não como explicação, como se gerasse um outro fenômeno. A relação tempo-espacial nos dá essa ilusão. É a mesma de quem tirasse a conclusão de que a noite fôsse o efeito do dia, porque sempre existe essa relação noite-dia, tempo-espacial. Não é isso? Assim como Spengler aceita para a história que todo acontecimento é um novo acontecimento, eu o afirmo da natureza. Não há nunca uma segunda vez. Nunca há uma repetição. Logo as leis gerais de caráter absoluto são absurdas.

Os homens que vivem nessas cidades mecânicas, onde a causação mecânica aparece como um fato, uma constante, a concepção causal se impõe como uma necessidade. Mas aqui, onde vivo, junto à natureza e o mistério das longas noites de sombras, unido ao silêncio, às profundas interrogações, às análises que se perdem através de mundos infinitos, posso sentir a mesquinhez de uma concepção tão estreita, tão senil, tão decadente, e que tem servido para a construção de filosofias e esquemas do universo que não resistem à análise de uma lógica mais existencial. Extraímos leis gerais, extraímos uma perspectiva, uma visão mecânica do mundo, quando estudamos o passado. Julgamos que existem leis rígidas, determinando os acontecimentos, quando volvemos nossos olhos para o que passou. É

fácil, assim, ver o mundo. Mas essa é a mentira que proclamamos a nós mesmos.

Não há gente que acaba acreditando na própria mentira? De um boato que lança e que volve a si mesmo já com visos de verdade? Não serão assim as verdades humanas?... São, fique certo!

*

Depois do jantar, à noite, o dr. Seleuco levou-me para uma varanda da casa, onde podíamos contemplar a noite morna de agôsto.

E êle me dizia:

— Nós buscamos a imortalidade, a eternidade...

Nós quem? Os homens ou o dr. Seleuco e sua mulher? Nós todos a aceitamos. Tanto êle como eu, como todos buscamos sempre, a imor-

talidade. É uma fome de eternidade: que nos corrói.

— Crê na eternidade?

Que adiantava responder. Qualquer resposta teria sido perfeitamente inútil, pois havia alí tanta convicção obstinada que qualquer negativa seria uma afronta, um desafio. Meu silêncio encontrou o mesmo olhar profundo, a mesma face descarnada e fria. Só o dr. Seleuco é que esfregou as mãos num contentamento súbito que me surpreendeu. Pôs-se a rir em rizinhos finos, descontínuos, vergando a cabeça sôbre o peito.

Puxou-me por um braço. Levou-me à janela escancarada para as trevas.

— Veja... Tudo é trevas? Sabe que Deus é trevas? Deus não pode ser luz. Luz é energia, é substância. Deus é insubstancial. Deus é trevas.

mas trevas compactas que tisnam terrìvelmente. Já notou a semelhança entre as trevas e a eternidade. Pois isso é Deus, compreende. Veja bem as trevas, cale-se ouça-as, ouvirá Deus. Não ouve?...

Essa pergunta provocou-me um calafrio. Temi responder. Mas que resposta daria? Volvi-me para êle e gravemente murmurei:

— Ouço...

Êle esfregou novamente as mãos, satisfeito. Puxou-me pelo braço. Fêz-me sentar. Foi até a janela e fechou-a. Não nego que tremia. Apavorava-me a certeza de estar ao lado de um louco. Êle sentou-se à minha frente. Medi-lhe a possível fôrça física. Se tivesse que lutar com êle, como faria?

*

Uma luz bruxoleava no centro da mesa atrás de mim. Minha sombra projetava-se imensa na parede. Naquela noite e àquela hora tudo era possível.

Um céu respigado de estrêlas trêmulas, libertado de nuvens e uma lua guardada nos horizontes do Oriente, tudo era possível... Havia um silêncio fecundo que permitia ouvir o ruído do sangue, a respiração que saía como um sôpro leve por entre as narinas flácidas.

Meu olhar tinha uma penetração longínqua e havia introversões que iam buscar, na noite de nós mesmos, alguma luz que alumiasse mais do que aquelas estrêlas e pudesse dissipar as dúvidas, que nasciam interrogantes e exigentes, por entre nossas palavras, que nada mais eram do que a máscara que escondia nossas angústias.

Naquela noite tudo era possível. O tempo adormecera há muito. Êle, ao meu lado, balbuciava palavras com alguma ordem. Espicaçava-me, porque me obrigava a dar atenção ao que dizia. Provocava-me com suas perguntas, porque elas, depois, ficavam dentro de mim, puxando pensamentos, requerendo respostas que a princípio me pareciam inúteis.

Eram pensamentos esparsos. Não os ligava, porque não falava para mim. Êle falava para a noite, falava para êle. Era para êle, sim, que falava, senão buscaria ordem, nexo, conexão, entrosagem dos pensamentos. Por que aquelas palavras me sugeriam tantas perguntas? Por isso mesmo. Porque eram desconexas e a noite, o silêncio e as estrêlas, a lua que não aparecia, tudo isso conspirava para arrepiar-me interiormente.

— Êles querem começar pelo fim, pensando que é o princípio. Discutem a teoria do conhecimento, antes de "conhecerem"... Ingênuos!... Sujeito e objeto... como se nossos olhos não fôssem também, mundo exterior. Nossas sensações são mundo exterior...

O silêncio dêle, depois, casava-se com o da noite. Havia até uma harmonia naquilo tudo. Harmonia de silêncios, de luzes trêmulas, de sombras, de respirações lentas, de ruídos subterrâneos de sangue correndo tumultuoso pelas veias, zumbidos que vinham das distâncias do ser.

Tudo harmonizava uma música misteriosa que me custava, ali, imaginar isso tudo, se naquela noite e àquela hora, tudo não fôsse possível!

— Os homens estão convencidos de que, sem as palavras e as categorias da razão que inventaram, não

poderão pensar, como se o pensamento fôsse um amontoado de palavras... Estão convencidos do seu tempo, de seu espaço, do seu conhecimento, dos seus instintos de causalidade... pobrezinhos, êsses filósofos!

Êle parava, de vez em quando. Poderia intervir, contrariar, provocar discussões. Sei que isso, além de interessante e sugestivo, sobretudo numa noite daquelas, estimularia os pensamentos abissais.

Mas o meu silêncio retumbava, gravando suas palavras que eu ordenava, depois. Reagia comigo mesmo. Lá dentro respondia ao que dizia. Contrariava-o.

— Êles não perceberam ainda o sentido trágico do Cosmos... Olham sem ver. No fundo, tôda a luta universal é a do ser contra o nada. E o ser não existe nem existe o nada.

Aquêles pensamentos doíam-me, agitavam-me... O tremeluzir das estrêlas era com um desafio a nós dois. Êle prosseguia:

— O cosmos luta contra a morte... é a luta do ser contra o não-ser. E por isso as atrações, repulsões, amor, ódio, positivo, negativo...

Êle continuava desconexo, juntando expressões sôltas. E que esfôrço na noite era o meu, para que não me deixasse avassalar pelo sono. Aquelas palavras me anestesiavam

— A luta contra a vida e a morte, êsse é o aspecto trágico do homem. As interrogações são conseqüências posteriores... O pensamento, uma decadência animal. Uma limitação à vontade. A lei e o pensamento, mesma gênese. O homem infeliz... Daí a luta pelo irracionalismo. Negar a inteligência, que já se torna incômoda, uma saída de morte. Bu-

dismo, sem dúvida. Nirvana de cansados. O homem busca libertar-se do determinismo. Julga-se um acorrentado porque não é livre.

A noite já ia alta. O nascente já envelhecia de luz difusa. A madrugada repontaria em breve. Um azulado mais claro lavava o céu todo, e as estrêlas tremeluziam por isso muito mais. A voz dêle prosseguia: Gelavam-me o sangue os tons frios porque a madrugada não demoraria. O sono me cercava.

— A inteligência foi um recurso de acuados. Nela o homem encontrou uma lilbertação para a prisão da sociedade. O pensamento é o produto de uma insatisfação. Dominado, coagido, limitado, pensou. Adaptou para si uma filosofia de derrotas. Explica para se justificar. É necessário compreender, custe o que custar, para se sentir mais livre. Que

grande e universal mentira!... Interroga a noite, sim, êle busca nas estrêlas, nas sombras profundas e perdidas dos espaços, o ponto de apoio que precisa para descançar os seus olhos assustados, seu alvorôço, seus arrepios...

— Madrugada, já. Há luzes e sombras. Noite e dia e não é noite nem dia ainda. Veja isso, note!

E êle me sacudia o sono. E prosseguia a rir, num rosto pálido que os matizes de luz coloreava estranhamente.

— Vê. Nem dia nem noite. Madrugada. Amanhecer. Tudo isso para mim é tragédia. Não há, aí, a sensação de que o tempo pára? O Cosmos, em suma, é isso: uma noite que morre pelas luzes de uma madrugada que nasce. Mas, no final de contas, nem é noite nem é dia.

Há sempre uma esperança no amanhã!

— A gente, precisa ter fé em alguma coisa. É a hora do amanhecer que sugere criações, não acha? — Disse-lhe.

— Estou com fome. — respondeu-me. A gente com o estômago vazio cria preconceitos. O seu amanhã é um preconceito. Esta é uma das nossas maneiras de sermos contraditórios.

*

Não foi fácil despedir-me do dr. Seleuco. Êle queria, a todo transe, que ficasse uns dias hospedado na casa dêle. Não só me exporia as suas idéias, como iria permitir que eu lesse o seu grande trabalho, o trabalho de sua vida, ao qual dedicara a mocidade. Era uma obra que ficaria para a posteridade, porque analisaria tudo, tudo. Intitulava-se "Me-

tafísica do particular" e o subtítulo: "Ensaio de uma nova visão do mundo pela análise do particular". Tive desejos de perguntar ao dr. Seleuco se o particular não era, em suma, um dos preconceitos novos que êle criara. Se êle havia destruído o valor do geral, como provaria o do particular? Essa pergunta estêve para sair dos lábios. Mas me contive. A insistência dêle era tanta que lhe respondi:

— Dr. Seleuco, acredite, não posso permanecer aqui. Imperiosas razões me obrigam a regressar para Londres... mas creia, voltarei...

Estas minhas últimas palavras iluminaram-lhe o rosto. Juro, a mulher havia sorrido. Sim, vi no rosto dela um sorriso, um sorriso tão infinitamente triste que me comoveu até o fundo. Estirei a mão para ambos.

Quando apertei a dela não era tão fria nem tão magra.

— Muito obrigado, dr. Seleuco. Voltarei breve. Acredite que passei com o sr. as horas mais extraordinárias da minha vida.

Palavra que não mentia.

Depois daquela noite de sexta-feira, voltei para o vilarejo em busca do hotel.

*

Receberam-me espantados, o hoteleiro e o criado, à porta da hospedaria. Sacudi o pó da estrada que cobria a minha roupa. A barba crescida, a cara de sono, causava um terror àquela gente. Êles não duvidavam de que eu era realmente um bruxo. E não quis tirá-los daquela ilusão:

— Uma noite terrível... — pronunciei como se falasse comigo mesmo.

— O sr. segue... amanhã — perguntou-me o hoteleiro.

— Sim, respondi. — Preciso descansar até a outra sexta-feira. Quero um banho e deixe-me dormir, depois, à vontade.

Fui para o quarto. Era já noite quando despertei.

Jantei e saí para dar um passeio na vila. Fui até a igreja que ficava no centro, para onde desembocavam tôdas as ruas.

Segui por uma rua, havia uma casa de pedras enegrecidas e polidas que revestiam a amurada. À borda havia uma tôrre cônica como um grande chapéu esguio. Era de ardósia negra como a noite que pousava sôbre ela. Talvez lá dentro vivesse ainda uma primavera. Ou tal-

vez tudo não fôsse mais que um sonho. Tôda a primavera de um sonho. Mas se dali saísse alguém ou alguém acenasse duma daquelas magras janelas, mesmo que fôsse um fantasma, não me assombraria. E se de lá, encolhido, vestido de irrealidade, viesse alguém até mim, talvez abrisse os braços hospitaleiramente. Naquela noite havia para mim a necessidade de sonhar e viver até cenas impossíveis. Eu acreditava, àquela noite, no impossível.

A vilazinha era tumular. Se um cão uivasse não diminuiria minha emoção nem modificaria o ritmo em que vibrava a minha alma transida. Um cão que uivasse para as trevas como se buscasse um fantasma. Talvez para mim ganisse de mêdo, encolhido a alguma parede. Eu poderia ser o fantasma que percorria as ruas tumulares, como uma alma

penada e errante que à noite viesse visitar os vivos que adormecem de morte dentro daquelas casas que pareciam cabeças enterradas, de olhos fechados.

O luar tinha algo de magnético, porque meus olhos buscavam a lua que corria nos céus. Se olhava para trás via uma pálida sombra de meu corpo que se projetava no chão humilde.

Um cão uivou, sim. Sou bem um fantasma.

A figura do dr. Seleuco assumiu uma feição grotesca. Era absurda demais. Era por isso que aceitava ou por isso devia negá-la? Que buscava o dr. Seleuco em suas noites indormidas? Aquela mulher magra que povoava de obscuridade a sua casa bem poderia ser um fantasma, uma mentira, um absurdo. Desatei tôdas as dúvidas que me cercavam, que

me puxavam para cada lado, desviavam os meus pensamentos e alegavam razões indiscutíveis. Passei a viver a batalha de tôdas as minhas dúvidas. Os olhos de espanto, um espanto terno, sem protesto daquela mulher. Olhou-me como se me esperasse há muito tempo. "É minha mulher!..." Se o dr. Seleuco tivesse dito qualquer outra coisa também teria admitido. Admitiria, naquele instante, tudo o que êle dissesse. Se um gato prêto passase silencioso por aquela sala não me surpreenderia. E se tivesse encontrado um criança magra, a um canto, de olhos arregalados, silenciosa, não me causaria também espanto. Estava galvanizado para todos os absurdos. As palavras do dr. Seleuco me haviam tornado capaz de suportar tôda a irrealidade.

PITAGORAS DE MELO EXISTE...

Quando pela primeira vez vim a saber que Pitagoras de Melo existia, foi num dia violeta, brumoso e frio.

Êle vinha sem chapeu, cabelos ao vento, mãos nos bolsos, braços muito juntos ao peito como procurando esquentar-se, um cigarro à boca, atirando o fumo por entre os lábios mal entreabertos.

Fui-lhe apresentado. Pitágoras foi de grande afabilidade, e falou-me com tanto entsiasmo, e sôbre tanta coisa, que para cada palavra minha, certamente, êle teria dito umas cem.

Lembro-me que daquele dia em diante Pitágoras passou a ser uma preocupação minha. Procurei-o depois várias vêzes. Gostava de conversar com êle. E buscávamos os lugares menos freqüentados, e era sempre para mim um motivo de satisfação quando falava num tema inesperado. Deixava pairando no ar, quando nos despedíamos, uma soma imensa de interrogações. Esperava que no dia seguinte êle viesse trazer alguma resposta. Mas qual! Pitágoras esquecia muito do que dissera na véspera. Vinha com novos temas. Irritava-se quando lhe recordava o que havíamos examinado no dia anterior. E quando lhe perguntava pelas respostas às interrogações, que haviam ficado no ar, respondia:

— Que continuem pairando no ar. Eu tenho, hoje, outras interroga-

ções que me estão a exigir também uma resposta.

Eu ria de Pitágoras. Não ria, sempre, juro. Mesmo porque êle não gostava que se risse dêle, e eu não queria, de maneira alguma, perder uma amizade tão preciosa como era a sua, e que me oferecia tantas horas de boa conversa.

Quando antes de encontrá-lo procurava descobrir o seu novo tema, deixava-o impressionado, quando acertava antes que êle falasse:

— Já sei. Hoje vais conversar sôbre pintura.

— É... isso mesmo... é sôbre pintura — E me fitava silencioso, admirado. E depois, num sorriso, gostava de perguntar:

— Como sabes que é sôbre pintura que eu vou falar?

E eu sempre costumava responder: Advinhei. Mas como não era

geral essa minha capacidade de advinhar, nem sempre causava em Pitágoras êsse gesto de espanto, nem aquêle sorriso, nem aquela pergunta. Depois de me inteirar do tema que iria abordar, não me cabia o direito de interrompê-lo, senão uma ou outra vez. E ainda ouço as suas palavras quando falava da guerra. Guardo-as até de memória:

— "Não ganham a guerra os que morrem nos campos de batalha!"

Lembro-me bem que sacudia ritmadamente a cabeça e seu rosto tomava uma expressão de superioridade. E continuava:

— "Não ganham a guerra os que morrem nos campos de batalha!"

Só podem ganhá-la os que sobram... Não vejo grande valor no sacrifício do indivíduo em benefício da coletividade, quando êsse sacrifício representa o seu sangue, a

sua vida, e não recebe êle o prêmio de sua abnegação, e sim aquêles a quem o destino quis poupar. Cada vez amo menos o mundo, e mantenho firme a inimizade para com os meus semelhantes, que, num século dêstes, ainda não foram capazes de resolver os seus problemas sem a necessidade de fazer tombar inocentes. Continuo, ainda, de mal com a Humanidade".

E Pitágoras gostava sempre de repetir isso: "Eu não me dou com a Humanidade!"

E isso se devia à tomada de Madrid pelas tropas de Franco. Nunca vi ninguém que se preocupasse tanto com a guerra na Espanha do que êle. Pitágoras andava sério, torcia as mãos, respirava fundo. Fazia muitas vêzes menção de que ia falar, e entregava-se ao silêncio. Foi aí, nessa ocasião, que o ví, muitas vêzes,

acercar-se dos rádios. Êle que odiava o rádio, não perdia os noticiários. E com um pequeno mapa da Espanha no bolso, acompanhava a marcha das operações. Apaixonava-se. Sofria. Tinha momentos líricos, descrevia, naqueles momentos, tôda a miséria e tôda a destruição que pairava sôbre a Espanha.

— "A França e a Inglaterra ainda pagarão caro o abandono que estão dando à Espanha!" — Dizia.

E muitas vêzes erguia os braços teatralmente para exclamar:

— França, tu pagarás com vida cada vida espanhola!

"Depois da queda de Madrid" era o título de um poema seu. Guardo-o todo de memória. Era assim:

"Mil vêzes ser pássaro, que ser homem!

Mil vêzes ser réptil, que ser homem!

Mil vêzes ser verme, que ser homem!

— Eu estou de mal com a Humanidade!"

E desde aí Pitágoras ficou de mal com os seus semelhantes. Sentia o ódio que latejava dentro de sua alma. Comia-se de ódio. Tornava-se pessimista, mordaz, satânico nas suas apreciações. Tinha-se a impressão que barrara de si todo sentimentalismo.

Mas isso com o tempo também passou. O pessimismo de Pitágoras tomava um carácter ético. Começou já nesses últimos dias a crer nalguma coisa.

— "Eu vejo um novo horizonte" — Dizia-me.

E começou a olhar "mais além da Humanidade".

— Eu creio que os olhos humanos verão mais; que os sentidos hu-

manos perceberão melhor. Eu creio na evolução de uma espécie em busca de uma forma mais elevada."

Foi nessa época que as feições de Pitágoras começaram a mudar.

Estavamos às vésperas da guerra de 39.

Parava defronte dos "placards", e silencioso ficava muito tempo a ler os telegramas. Eu que o acompanhava nessas ocasiões ficava mais adiante, esperando por êle. E muitas vêzes chamava-o com a cabeça e até com palavras para que viesse embora.

— Estava a ler o que os telegramas dizem de menos e o que dizem de mais.

— A coisa está feia, hein?...

— Está lindo...

— Lindo?!

— O espetáculo começou. O grande espetáculo... O sr. Mundo está

fazendo a apresentação dos personagens. Madame Guerra, vai engulir espadas... — E teatralizava: Respeitável público: Eu, Cavalheiro Mundo, tenho a honra de apresentar a minha grande companhia de borlantins, Madame Guerra vai engulir espadas... É a grande atração dêsse gênero. Depois apresentarei Madame Fome e Madame Peste, as maiores malabaristas que os olhos já viram. Atenção, respeitável público! Atenção! O grande espetáculo vai começar! Maestro, música!

E eu ficava a repetir dentro de mim:

— Positivamente Pitágoras de Melo existe mesmo!...

*

Não vou relatar tudo quanto Pitágoras me havia dito durante os dias angustiosos da segunda guerra mun-

dial. Muita coisa já perdeu seu interêsse e sua actualidade. Mas foi com verdadeira alegria que um dia dêsses, ao andar por uma das ruas movimentadas de São Paulo, esbarro-me com alguém. Ia já preparando umas palavras de escusas, quando vejo. Quem? Pitágoras... Uma exclamação foi a minha resposta, e nos abraçamos como dois grandes amigos. Logo percebi que êle estava mais velho. Os cabelos já brancos, o rosto marcado pelo tempo. Mas os olhos, aquêles grandes olhos, eram os mesmos, vivos, interrogantes, embora cansados.

— Pitágoras, velho... que maravilha, velho mocho. Um abraço.

Pitágoras tinha os olhos molhados. Talvez do aperto do meu abraço. Sorria e não falava. Balbuciou alguma coisa, palavras incompletas. E depois:

— Há quanto tempo...

— Deixemos o tempo. Você... você tem muito que me contar.

— Você?... Por que não *tu*. Já esqueceste?

É verdade, Pitágoras tinha razão. Eu já me havia metropolitanizado tanto que não sentia mais a intimidade profunda do tu.

— Se não me tratares por tu...

— Sei, respondi-lhe. Tu, velho Pitágoras, velho homem da noite, velho homem do destino.

— Vem comigo. Há muito que falar. Há muito que contar, há muito que discutir, há muito, muito...

O ruído da cidade abafava as nossas vozes e eu quase não ouvia as palavras de Pitágoras, que seguia ao meu lado pelo borborinho das ruas.

Dizia-me êle:

— Eu tenho tido uma vida silenciosa. E sabe por quê? Por que te-

nho vivido só. Incompleto, sabe. Nunca falo mais alto. A solidão faz a gente temer até a própria voz. Quando estava no interior, na cidadezinha, eu falava mais alto e não havia tanto ruído. Compreende? Aqui falo assim naturalmente. A solidão muda a voz da gente. Não é? — Pitágoras fazia aquelas interrogações para chamar-me a atenção. Eu desviava-me com dificuldade dos que passavam, adiantava-me algumas vêzes, outras atrazava-me, obrigando Pitágoras a acelerar o passo ou a esperar por mim.

Aquelas interrogações eram como um pedido de confirmação de que ouvira as suas palavras.

— Como se pode pensar direito numa cidade assim — Prosseguia Pitágoras, num tom mais alto de voz. — Êsse ruído não nos deixa prestar melhor atenção aos próprios

pensamentos. Não é? — Eu fazia com a cabeça que sim. — Como se pode pensar detidamente quando tudo nos distrai, não achas? São os edifícios, o ruído dos autos... essas mulheres que passam... uma para aqui, outra para ali, e que perturbam os nossos pensamentos, não é? Como nos podemos deter num pensamento, hein? Só mesmo a solidão nos pode permitir. É por isso que nos despersonalizamos aqui. Acabamos pensando como êles, só pela superfície, olhando tudo pela rama. Nem queira saber como isso me aborrece. Êsse ruído vai para dentro de mim e ajuda a me destruir.

Dobramos uma esquina, Pitágoras chocava-se com um ou com outro, por que naquele trecho havia ainda mais movimento. Pitágoras olhou

para o outro lado da calçada, e tocando no meu braço, prosseguiu:

— Veja como êles fogem do sol e vão para a sombra. O valor do sol para êles é a sombra. Tudo na metrópole é dispersivo. Aqui somos mais um no meio da multidão, onde se está só, aparentemente só. E sabe por que? Por que essa multidão acaba arrastando-nos para o meio dela, e terminamos na mesma exterioridade em que êles vivem?

Quando chegamos aqui, trazemos o verniz daquela almazinha provinciana. E acredite que essa alma é tudo quanto podemos trazer de melhor da província. Tem-se uma outra perspectiva do que se vê. Ainda se olha com certa pureza as coisas, com certa ingenuidade. Não se vê os homens e as coisas com êsses olhos desconfiados que se acaba adquirindo aqui. E os grandes gestos e as

grandes situações humanas passam a perder o seu brilho que lá eram capazes de fazer sofrer, amar, pensar. Há uma caricatura das coisas sentimentais, e só o monumental, os grandes números, coisas medidas pela quantidade, têm o poder de atrair a atenção.

Eu fazia o possível para acompanhá-lo.

E Pitágoras continuava:

— E se não se tem uma grande fôrça interior, essa fôrça que emascula a personalidade, que faz a personalidade, acabamos por nos dissolver. Acabamos por nos coser a essas paredes, a essas ruas, a sentir como um dêles que passa... Quando lemos a notícia de um desastre, onde muitos perdem a vida, com uma facilidade, uma simplicidade tocante, temos uma outra maneira de sentir e de sofrer o acontecimen-

to. Lá ficávamos com o acontecimento dentro de nós. Era um éco. Na nossa terra, uma tragédia destas abate, revolta, espicaça, dói. Aqui, não. Nem comove. Comenta-se ràpidamente. É mais um pitoresco da nossa vida de cidade grande. Mas no fundo da nossa alma, ela destroi alguma coisa de nós. Ajuda a dissolver a nossa personalidade. E sabe por que? Por que nos sentimos quase nada. Um... um como os que morreram. Que podia ser um de nós também, pois aqui somos nada, até passar para o noticiário dos jornais com nome trocado. Olhe, veja essa gente tôda que passa por essas ruas. Você encontra aqui uma dezena de tipos. Quase todos são iguais. Você encontra o fulano de tal cem vêzes em corpos diferentes. Os homens se aproximam, se confundem, sem que se sintam mais próximos uns dos

outros. Embora os corações batam igual, ao mesmo compasso, as suas almas não se sintonizam. A mentalidade é formada em série. As reações são iguais. O fulano de tal reage como o sicrano de tal... São quase todos assim. Você não encontra aqui aquêles de nossa terra provinciana. Os sêres humanos são diferentes, porque aqui a Humanidade é coisa muito diferente. E puxando-me pelo braço, com os olhos fitos e os lábios trêmulos, prosseguiu: — Ou se adere a êles ou se reage. Eu reagi pelo isolamento, não pela solidão. Se você não reagir será tragado por êles. E se um dia olhar bem, examinar bem a si mesmo, verá que seus passos seguem no mesmo ritmo... E isso é uma tragédia...

Você verá, como isso terá um gôsto amargo de tragédia...

A ETERNIDADE DE FAUSTO

Êle já havia enxugado o quarto chôpe duplo. E o último descera através dos lábios carnudos aos gorgotões ruidosos.

E pediu outro. Não demorou em aparecer dois dedos espumejantes de faixa branca, onde êle poisou os olhos cobiçosos. Dependurou-se, depois, num charuto que atirava espirais azuladíssimas e caprichosas.

Por vêzes furava o ar com uma expiração. Dava-me vontade de rir dos seus gestos e das suas atitudes. Atrás do rosto rubicundo estava dois olhos vivos, também azuis, que passavam pela sala, descuidados e

negligentes, como, se alí, não estivesse ninguém. Perdia-os por entre as mesas. Poisava-os, displicentes, sôbre a decoração ingênua da parede, ou ausentava-os, por segundos, numa fixidez penetrante, como se buscasse longe um objeto.

O quinto chôpe foi enxugado lentamente, saboreado entre fumaradas de charuto e lambidas de língua pontuda sôbre os lábios. Passou alguém com uma mulher linda ao lado. O olhar do homenzinho sorriu engordurado de desejos. Êle agora volteou o olhar que estivera longe para a estreiteza das quatro paredes. Borboleteou-o sôbre a mulher. Mas recuou, depois, aceitando a inutilidade de sua tentativa. Por isso buscou sublimá-la por um gesto admirativo. Virou-se para mim excessivamente sério e gorduroso, para, de lábios caídos, sacudir lentamente

a cabeça de alto para baixo num anatômico "boa, muito boa..." Fiz um sorriso de cumplicidade e de adesão. Mas ficamos aí. A noite ainda iria longe, e os ponteiros não marcavam a hora das confidências. Por isso tentei ensaiar uma análise daquele homem. Não era uma ave noturna, dessas terríveis almas da meia-noite, misto de homem e de fantasma, que percorrem cosidas às paredes, varando as sombras e que passam de cabeça baixa à luz denunciadora dos luminosos indiscretos. Homem outonal... Aquela gordura escondia ou era o atestado de longas chopadas. Sim, aquilo era chope consubstanciado em gordura. Haveria chope até no cérebro, onde as idéias se associavam, em analogia de cevada, de lúpulo, de fermento.

Idéias fermentadas nas longas noites de chopadas, por entre fumaradas esvoaçantes. Associei, por isso, Hegel com seu idealismo, em busca da idéia absoluta, observando as contradições provisórias; Fichte, correndo atrás dessa idéia absoluta, cambaleando de cerveja. Aquela irreal noite koenigsberguiana, cheia de névoas pálidas, onde o luar seria a aberração doentia de uma noite de cervejada. Deve ser isso, sim. Tem que ser isso. Aquêles cabelos louro-mateados, aquêles olhos azuis... A cevada, alí, junta argumentos terríveis. Barriga empanturrada de cerveja, presunto, queijos adstringentes, tudo isso é terrìvelmente retentivo. Por isso as idéias permanecem sempre as mesmas. Modificam-se, dependendo das fermentações. Observava-o. Erguia, às vêzes, o ante braço com uma

energia untuosa. Quando pediu ao garçon o sexto chope teve um olhar oblíquo de superioridade. Não descançou muito os olhos sôbre o rosto pigmentado do garção. Outro chope viria... e outros ainda. Os ponteiros do relógio, lá em cima, continuavam dansando o baile surrealista das horas. A minha hora se aproximava. Mas aquêle homem me preocupava. E prosseguia analizando-o: aquêles gestos enérgicos eram o autismo de uma satisfação fermentada pela cerveja. Energia, vontade de potência, cimentada por lúpulo e cevada. O rádio desconjuntava um "swing" ofensivo ao gôsto do homem. Vaiou-o com sua indiferença. E quando estacou, deixou escapar um suspiro que muitos interpretariam por um arrôto malogrado. Para mim foi um suspiro de alívio à música excessivamente contraditória para seus

nervos... "Esses selvagens da América..." Ouvi essas palavras? Retive meus pensamentos e minha atenção. Essas palavras foram pronunciadas por êle, seria possível? Não. Imaginação minha. Aquêles ponteiros de braços, erguendo-se para o alto, marcando onze horas, eram os culpados. As sombras do sono projetavam-se dentro de mim. Era isso. O homenzinho permanecia calado, adorando a água dourada que enchia metade do copo. Adoraçãozinha ingênua. Foi o que me permitiu associar Wotan, Fricka, Thor, Sunna, Mann, aquêles deuses saxões. Numa noite escura, com as canecas de cerveja nas mãos, a adoração principiou... Flutuava meus pensamentos pelas selvas onde Siegfried conhecera aventuras inesquecíveis. Meus exageros trouxeram-me para a realidade. A adoração do

louro líquido do copo não era isso, não. A mulher saiu guardando a cabeça loura na selva de um "petit-gris" caríssimo. O homenzinho tornou a estirar um olhar longuíssimo até a porta. Que desejos outonais poderiam viver naquele mar de chôpe?

A minha pergunta insinuava dúvidas. Havia um desejo sòmente de superfícies. Êle não iria além. A lenda de Fausto me veio imposta pela contra-cena que assistia. Todos êles, depois, quando o outono veste de folhas sêcas a alma, e o inverno já se mostra nas névoas, tornam-se faustos. Uma longa aspiração de raça...

Já me aborreciam as análises inúteis. O sexto chope desanimava-me... Aquilo prosseguiria até à hora em que o relógio une os dois braços para o alto numa oração vo-

tiva para a noite. As trevas me chamavam na linguagem do sono. O homem das associações de cevada continuaria enxugando chopes e mais chopes, associando idéias fantasmagóricas, desejos de domínio, conquistas impossíveis. O velho Fausto, desejando renascer a braza dormida dos instintos selvagens.

Paguei. Levantei-me. Quando ia sair, não me contive, fui até êle e perguntei:

— Desculpe-me, cavalheiro. O sr. é alemão?

— Noun!

— Holandês?

— Noun!

— Sueco?

— Noun!

— Então que raça é a sua?

— Prassilêrra...

AS DEZ NOITES

Na primeira noite

— Amor?... Amor?... Ora, minha senhora, isso é a coisa mais difícil de definir. A melhor definição é sentí-lo. Isso não lhe basta?

— Ainda não! Desejaria compreendê-lo melhor. Sinto haver algo mais, além da própria sensibilidade. Um pouco de espírito na carne e um pouco de carne no espírito. Não é um ato de desejo, nem de volição, nem tampouco nos ligam à vida as suas raízes. Há um ímpeto divino que o cerca, e que nos afasta de nós mesmos. Talvez no amor haja isso

que você negaria: espiritualidade. Mais ainda: o divino. Não ria, não!

Não somos deuses quando amamos? Tôda a nossa divindade talvez esteja ùnicamente aí, — creia!

Na segunda noite

— O amor busca a morte. O amor, quando perpetua, determina seu fim. No amor há a morte, porque nossa vida se esvai para outrem.

— Dois sêres buscam-se para se perpetuarem. O amor é vida, porque cria a vida, porque transfere a vida...

— O amor é a morte porque marca o fim. Há no gôzo um traço de agonia. E o prazer se mistura com a morte. O espasmo é uma agonia...

Na terceira noite

— No gôzo há a dôr, porque nêle há a morte. E se espiritualizamos o

amor é porque nêle sentimos a morte. Quando o homem criou essa nobre doença foi como uma oração. Havia um quê de fúnebre. Há sempre uma admoestação no prazer. Êle engendra sêres. E o parto é dor. Todo o fruto do amor é doloroso. Por isso o homem sente na morte o desespêro.

Só os que sofrem sabem amar, como só os que amam sabem sofrer.

A dor une as almas. Essa verdade há de atravessar os séculos.

Onde houver amor, haverá dor. Onde houver amor, haverá a consciência da morte. Todos os grandes amorosos têm um traço de morte que ensombreia os olhos. Por isso os amorosos são tristes.

Na quarta noite

— Eu quero tôda a tristeza dos teus olhos para mim. Quero que

me acaricies com tôda a tua compaixão... Não sorrias mais o teu rosto que ofende a minha tristeza.

— Estira-me, então, a tua mão, como um mendigo...

Na quinta noite

— Lembras-te dos dias felizes?... Como há uma alegria triste dos dias felizes que já passamos?...

Na sexta noite

— Por que olhas tanto as estrêlas?

— Porque nunca as alcançarei... só por isso.

Na sétima noite

— Há uma voz que grita de tão longe... Ouves?...

— Para que, se meus ouvidos já se fecharam às palavras que jamais poderei compreender? — Tens razão, minha amiga. Que razão daria

aquela árvore aos seus galhos retorcidos, torturados? Por que não iremos criar para ela uma história?... Ajuda-me!

Na oitava noite

— Tu crês em Deus?

— Creio... Tenho que crer. É o meu protesto contra a vida.

Na nona noite

— Sofre-se por que queremos, não achas?

— E as estrêlas sofrerão? E sofrerão os mundos? Quem sabe talvez lá encima, num daqueles mundos, que nossos olhos não vêem, haja alguém, como nós, que também faça essas perguntas.

— Impossível!...

— Por que impossível? Por isso mesmo, talvez...

Na décima noite

— Tu acreditas que um dia Deus nos haja salvo?

— Por que não?... E creio mais: creio que nós, agora, é que o salvaremos. Deus não existiria sem o nosso amor. Se amamos, precisamos crer nêle. E construí-lo. Se a idéia de Deus não puder ser vivida, de que nos valeria, então? Se nós podemos viver o nosso amor, podemos vivê-lo também.

A noite já vai alta. Como tudo é silêncio. Nossas vozes não são uma afronta? Cala-te comigo. Anda e vamos de olhos fechados ouvir o nosso silêncio... Vém!

O NOVO DIÁLOGO DE HAMLET

ÚLTIMO ATO — PENÚLTIMA CENA

Hamlet e o Coveiro

(O cenário é fantasmal e o luar branqueja os ossos que atulham a terra negra e revolvida.)

Hamlet

Ainda é noite... E tu cantas. Como podes fazer o teu ofício a cantar?

Coveiro

Vêde, senhor, êsses milhões de crâneos que já se revestiram de carne. Vêde a serenidade grave dêsses rostos de osso. Não foi, acaso, a isso

que sempre os homens chamaram de morte? Todos a temiam. Nenhum sequer a desejava. E, no entanto, aí estão todos transformados em caveiras. Vivo entre elas. Conheço-as uma por uma, e é por isso que canto. E posso cantar até ternas canções de amor. Em cada um dêsses arcabouços houve músculos, houve carnes que estremeceram de amor e de paixão. Continuo o canto que êles cantavam, quando se agitavam pelos dias cheios de sol. Êles escutam respeitosos, em silêncio. Não há gravidade em cada um dos seus rostos?... (sorri).

Hamlet

De quem é essa caveira?

Coveiro

Qual, senhor? Esta? (e aponta-lhe uma).

Hamlet

Esta mesma. Dá-ma. De quem era?

Coveiro

De um louco... De um homem que riu de tudo. Chamavam-no Shaw.

Hamlet

Deixa-me examinar, (segura a caveira entre as mãos). Pobre Shaw. Conheci-o. Muitas vêzes demos gostosas gargalhadas com as suas pilhérias. Outras vêzes, um sorriso profundo e doloroso ficava postado nos nossos rostos, e havia amargura nos nossos corações. E agora... um simples crâneo, um magro crâneo esbranquiçado. Que leve que é... Shaw! Parece um sonho. Parece-me vê-lo com sua barbicha e os seus olhinhos prescrutadores. E, no entanto, existem essas

órbitas enormes por onde volteavam outrora seus olhos e por onde também passaram os vermes.

Onde estão as tuas sátiras? Os teus trocadilhos? As tuas pilhérias? Que cara fazias quando rias de tudo... E hoje jazes nesse campo imenso de caveiras. (Seus olhos volvem até o horizonte). Milhões de cabeças... Caveiras! Onde estão os vossos lábios? As vossas orelhas? E essas caveiras, coveiro, quem são elas? Deixa-me ver. (Afasta-se e caminha por entre os crâneos que jazem no chão). E êste aqui. Quem era, conhecias?

Coveiro

Este, senhor, era César... Aquêle Napoleão... Este outro, Carlos V...

Hamlet

Caveiras... caveiras... Onde estão os vossos narizes, os vossos

olhos? Que trágico sorriso frio nesses rostos. E êste?

Coveiro

Lenine...

Hamlet

Lenine?... Bem vejo nesses zigomas os traços mongólicos de seu espírito cheio de torturas...

Coveiro

Aquêle outro é Voltaire... Aí estão êles. Já vestiram fardas coloridas e tiveram gestos nobres. Aquêle morro distante, que parece todo coberto de neve, são os ossos dos milhões que morreram nas últimas guerras...

(Hamlet toma nas mãos um crâneo) — Êste senhor era dum cantor, e embora pareça incrível, êste aqui, era de uma mulher, uma cortezã.

Deixa-me ver. (Toma da caveira). Onde estão os teus lábios que davam beijos ardentes aos homens? Onde estão as tuas orelhas? O teu nariz? E tu, Napoleão, hoje que resta de ti? Fôste carne, e hoje és só isto. Resta êsse crâneo, ridícula lembrança do teu espírito.

Europa! Europa!... (E estira os braços) Que campo imenso de caveiras!...

Que imenso cemitério... Milhões, e milhões... até o horizonte!

(Afasta-se) Eu tinha alguma coisa que fazer, eu tinha alguma coisa que fazer. Sempre absorvido pelos pormenores, incorrigível e eterno Hamlet, triste rosto pálido de quem tem um destino a cumprir, e que se perde nos pormenores. (Retira-se para o canto da cena). Onde estão as vossas verdades e os vossos ide-

ais? Oh os meus fantasmas! Como êles fazem falta para os meus olhos e para responder aos meus ouvidos. Vinde-me contar a história de tôdas essas crenças, de todos êsses sonhos que arderam dentro dêsses crâneos. Vinde, fantasmas, contar as ilusões que fizeram crer na felicidade a todos êsses que tombaram nos campos de batalha. Que posso fazer sem êsses crâneos? Preciso dêles para que o meu se encha de sonhos, de ilusões. Quero esperanças. Digam a mim, bem a mim, meus fantasmas, em que deverei crer daqui por diante? Que devo fazer, se tenho que viver? (Pausa). Que nos oferecerá a morte? Vinde até mim, caveiras, dizei-me, ó vós tôdas, o mistério dessa eterna interrogação! Por que ides, uma a uma, para me deixardes com a mesma pergunta. Fantasmas, continuai sonhando, com estálidos

de ossos, os eternos sonhos que forjastes para acorrentar a vós mesmos às mesmas eternas esperanças. Ser ou não ser... eis a dúvida. Morrer... dormir, mais nada. Talvez sonhar. Sonhar êsses sonhos que vós outros, caveiras da Europa, já sonhastes? Vamos, por que não me dizeis o que há aí após a vossa vida? Que herança me deixastes, caveiras da Europa, que terrível herança me deixastes! (E virando-se para o coveiro). Dize-me, tu, tu que tens convivido com a vida e a morte, quem és tu, e o que sabes da vida e da morte?

Coveiro

Senhor, eu sou o Tempo. E tenho sòmente uma consciência de tempo da vida e da morte.

Hamlet

Mas dize-me, bribão! Depois da morte que há?

Coveiro

Já te disse, senhor, eu sou o Tempo.

Hamlet

Sim, sei, tu continuarás vivendo. Mas depois de ti, que haverá, dize!

Coveiro

Não sei, senhor. E crede que eu também pergunto. Essa, senhor, é também a minha interrogação. E a quem irei perguntar, senhor? A quem irei perguntar se sou o Tempo?

(*Hamlet deixa pender a cabeça sôbre o peito e o pano desce lento, sepultando a cena fantasmal*).

SAUDAÇÃO AO MUNDO

DE WALT WHITMAN

Tradução

1

Dá-me tua mão, Walt Whitman!
Que maravilhas fluem! Que visões e rumores!
Que de infinitos anéis unidos, ligados uns aos outros,
Cada qual representa a todos, cada qual da terra com todos participa.

O que dentro de ti se dilata, Walt Whitman?
Que vagas e que montes emergem?
Que climas? Quem são estas pessoas e cidades?
Quem são estas crianças que brincam e aquelas que dormem?

Quem são estas jovens? Quem são estas
mães?

Quem êstes grupos de anciãos que seguem
lentamente, braços em tôrno dos ombros
uns dos outros?

Que rios são êstes? Que florestas e que
frutos?

Quais as miríades de moradias cheias de
moradores?

2

Dentro de mim a latitude se alarga, a
longitude se alonga

Ásia, África, Europa estão no Oriente —
À América coube o Ocidente, como he-
rança,

Cingindo o bôjo da terra rola o ardente
equador,

Curiosamente ao norte e ao sul rodam as
extremidades do eixo,

Dentro de mim trago o dia mais longo; o
sol insone roda em círculos oblíquos,
por meses sem descançar,
Dentro de mim, alongado no tempo, o sol
da meia noite apenas se eleva acima do
horizonte para se deitar a seguir,
Dentro de mim, zonas e mares, cascatas e
florestas, vulcões e arquipélagos,
Malásia, Polinésia e as grandes ilhas das
fndias ocidentais.

3

Que ouves, Walt Whitman?
Ouço cantar o obreiro e a espôsa do cam-
ponês cantar,
Ouço nas distâncias os gritos das crianças
e dos animais ao nascer o dia,
Ouço o tumulto dos brados rivais dos aus-
tralianos acossando potros selvagens,
Ouço a dansa espanhola das castanholas
à sombra do castanheiro, ao som de
rebecas e guitarras,

Ouço os rumores contínuos que vêm do Tamisa,
Ouço os selvagens cantos de liberdade que vêm da França,
Ouço os musicais racontos dos velhos poemas dos gandoleiros da Itália,
Ouço os gafanhotos da Síria quando atacam as colheitas e os prados no aluvião de suas nuvens tenebrosas,
Ouço o estribilho do Copta para o sol poente que cai melancólicamente no seio escuro da mãe vasta e venerável do Nilo,
Ouço o trinado do arrieiro mexicano e os cincerros de sua mula,
Ouço o muezin árabe conclamar os fiéis do alto da mesquita,
Ouço os sacerdotes cristãos no altar de suas igrejas, ouço os sons cavos e agudos que respondem,
Ouço o grito dos Cossacos, e a voz do marujo que de Ocotsque parte para o mar,

Ouço o resfolegar sibilante do rebanho
dos escravos em marcha, quando em
rudes magotes desfilam aos dois e por
três, algemados uns aos outros, por
punhos e tornozelos,

Ouço o hebreu que lê suas crônicas e
salmos,

Ouço os harmoniosos mitos dos Gregos, e
as robustas lendas dos Romanos,

Ouço a história da vida divina e da morte
sangrenta do famoso Cristo Deus,

Ouço o hindú ensinar ao discípulo favorito
os amores, guerras e preceitos dos
poetas que escreviam há três mil anos
transmitidos a são e salvo até os dias
de hoje.

4

Que vês, Walt Whitman?
Quem são aqueles que saúdas e que um
após outro te saúdam?
Vejo uma prodigiosa bola que rola através
do espaço,

Vejo minúsculas cabanas, povoados,
ruínas, cemitérios, prisões, usinas,
palácios, barracas, acampamentos de
bárbaros, tendas de nômades, esparsas
na superfície,
Vejo a parte sombria de um lado onde
dormem os que dormem, e do outro a
iluminada pelo sol,
Vejo as curiosas e rápidas mutações de
luz e de sombra,
Vejo países longínquos, tão reais e
próximos para seus habitantes como é
o meu para mim,
Vejo abundantes águas,
Vejo cimos de montanhas, vejo a
cordilheira dos Andes, e onde elas se
estendem,
Vejo distintamente Himaláias, Tian Chan,
Altaís, Gautes,
Vejo os cumes gigantes de Elbruz, de
Casbeque, Bazardjusi,
Vejo os Alpes Stirianos e os Alpes
Cárnicos,

Vejo os Pirineus, Bálcans, Carpatos, e ao
norte Dovrefields e ao largo do mar o
monte Hecla,
Vejo o Vesúvio e o Etna, os montes da
Lua, e as Montanhas Vermelhas do
Madagascar,
Vejo os desertos da Líbia, da Arábia e
da Ásia,
Vejo os imensos e tremendos icebergues
da África e do Antártico,
Vejo os oceanos superiores e os oceanos
interiores, Atlântico e Pacífico, o golfo
do México, o mar do Brasil, e o mar do
Perú,
As águas do Industão, o mar da China, e
o golfo da Guiné,
As águas do Japão, a linda baía de
Nagasaqui cercada de montanhas,
A extensão do Báltico, do Cáspio, do golfo
de Bótnia, das costas britânicas e do
golfo da Gasconha,
O Mediterrâneo de sol claro e uma ou
outra de suas ilhas,

O mar Branco, e o mar que cerca a
Groelândia.

Percebo os marinheiros do mundo,
Muitos nas tempestades, muitos nas noites
de vigia,
Muitos desamparadamente levados pelas
correntes, muitos com moléstias
contagiosas.
Distingo os veleiros e vapores do mundo,
uns fundeados nos portos, outros em
travessias,
Há os que dobram o cabo dos Tormentas,
outros o Cabo Verde, outros Guardafui,
Bon ou Bojador,
Outros a ponta de Dondrá, outros o
estreito de Sonda, outros o cabo Lopatca
e o estreito de Behring,
Outros dobram o cabo de Horn, outros
navegam no golfo do México ou
costeiam Cuba ou Haiti, outros na baía
de Hudson ou na de Baffin,

Outros franqueam o Passo de Calais,
outros entram no golfo de Wash, outros
no de Solway, outros contornam o cabo
Clear, outros o Finisterra,
Outros atravessam o Zuydersee ou a
Escalda,
Outros chegam ou partem de Gibraltar
ou dos Dardanelos,
Outros seguem inflexìvelmente sua rota
através dos bancos do norte,
Outros descem ou sobem o Obi ou o Lens,
Outros o Niger ou o Congo, outros os
índus, o Bramaputra e Cambodja,
Outros prestes a partir esperam sob
pressão nos portos da Austrália,
Esperam em Liverpool, Glasgow, Dublin,
Marselha, Lisboa, Nápoles, Hamburgo,
Bremem, Bordéos, Havre, Copenhague,
Esperam em Valparaíso, Rio-de-Janeiro,
Panamá.

5

Vejo os trilhos dos caminhos de ferro da
terra,

Vejo-os na Grã Bretanha, vejo-os na
Europa,
Vejo-os em Ásia e África.

Vejo os telégrafos elétricos da terra,
Vejo os fios por onde passam as novas
das guerras, das mortes, das perdas, dos
ganhos, das emoções de minha raça.

Vejo as longas listras do rios do mundo,
Vejo o Amazonas e o Paraguai,
Vejo os quatro grandes rios da China, o
Amur, o Amarelo, o Iang-Tse-Kiang e
o Si-Kiang,
Vejo onde fluem o Sena, onde o Danúbio,
o Loire, o Reno e o Guadalquivir fluem,
Vejo os meandros do Volga, do Dniepper,
do Oder.
Vejo o toscano descendo o Arno, e o
veneziano seguindo o curso do Pó,
Vejo o marujo grego navegando além do
golfo de Egina.

Vejo as regiões do antigo império da
Assíria, da Pérsia e da Índia,
Vejo a queda do Ganges vencendo as altas
margens de Sankara.
Vejo onde a idéia da Divindade encarnou-
se pelos avatares em formas humanas,
Vejo os lugares onde se sucederam os
sacerdotes sôbre a terra, oráculos,
sacrificadores, brâmanes, sabianos,
lamas, monges, muftis, pregadores.
Vejo os Druídas passeando nos bosques
de Mona, vejo o agárico e a verbena,
Vejo os templos mortuários dos corpos
dos deuses, vejo os antigos símbolos,
Vejo Cristo comer o pão da última ceia
em meio de jovens e velhos,
Vejo os lugares onde o jovem, forte e
divino Hércules, por tanto tempo
trabalhou e depois morreu,
Vejo o lugar da vida rica e inocente e da
sorte infeliz do formoso filho noturno,
Dionísios dos membros dilacerados,

Vejo Knefe florescente, vestida de azul,
com coroa de plumas à cabeça,
Vejo o irrepreensível Hermes moribundo,
amado de todos, dizendo ao povo:
Não me lamenteis,
Esta não é a minha verdadeira pátria, vivi
exilado de minha verdadeira pátria, e
agora a ela eu retorno,
Retorno à esfera celeste para onde cada
um de vós irá por sua vez.

7

Vejo os campos de batalha da terra, nêles
a herva brota e as flôres e os cereais,
Vejo as rotas das antigas e modernas
expedições.
Vejo os monumentos sem nome,
mensagens veneráveis dos fastos,
crônicas e heróis desconhecidos da terra.
Vejo a região das sagas,
Vejo os pinheiros e abetos retorcidos pelas
borrascas do norte,

Vejo blocos de granito e penhascos, e
verdes campinas e lagos,
Vejo os dolmens funerários dos
guerreiros escandinavos,
Vejo-os elevarem suas pedras às orlas do
oceano agitado, para que os espíritos
dos mortos, quando lhes pesar a
quietude do túmulo, subam aos montes
para contemplar as vagas e se saturem
de tempestades, de imensidade, de
liberdade, de movimento.
Vejos as estepes da Ásia,
Vejo os túmulos da Mongólia, as tendas
dos Calmucos e basquires,
Vejo as tribus nômades com seus rebanhos
de bois e vacas,
Vejo as planícies sulcadas de abismos,
vejo as selvas e desertos,
Vejo o camelo, o cavalo selvagem, a
betarda, o carneiro de grande cauda, o
antílope, e o lobo que se oculta.
Vejo as terras altas da Abissínia,

Vejo os rebanhos de cabras que pastam,
vejo as figueiras, tamarindeiras e
tâmaras,
Vejo os campos de trevos e as planícies
verdejantes e doiradas,
Vejo o vaqueiro do Brasil,
Vejo o boliviano subir o monte Sorata,
Vejo o gaúcho atravessar os pampas, vejo
o incomparável cavaleiro reboleando o
laço,
Vejo-o sôbre os pampas a perseguir os
animais selvagens para a conquista de
suas peles.

8

Vejo as regiões da neve e do gêlo,
Vejo o samoiedo de olhar penetrante, e
o finês,
Vejo em seu batel o pescador de focas
balançar a lança.
Vejo o Siberiano no leve trenó puxado
por cães,
Vejo os caçadores de marsuínos, vejo as

tripulações das baleeiras do Pacífico sul
e do Atlântico norte,
Vejo as rochas, as geleiras, torrentes,
vales da Suíça — e observo os longos
invernos e as solidões.

Vejo as grandes cidades da terra e me
torno cidadão ora de uma, ora de outra,
Sou um verdadeiro parisiense,
Habito Viena, São Petesburgo, Berlim,
Constantinopla,
Sou de Adelaide, Manchester, Bristol,
Edimburgo, Limerique,
Sou de Madrid, Cádiz, Barcelona, Pôrto,
Leão, Bruxelas, Berna, Francfort,
Stutgart, Turim, Florença,
Sinto-me bem em Moscou, Cracóvia,
Varsóvia, ou no norte, em Cristiania, ou
Estocolmo, ou em Ircutsque, na Sibéria,
ou em qualquer rua da Islândia,
Desço em tôdas estas cidades, e delas
renasço outra vez.

Vejo vapores exalarem-se de países
inexplorados,
Vejo selvagens, arcos e flexas, azagaias
envenenadas, fetiches, e os obis.
Vejo cidades africanas e asiáticas,
Vejo Algéria, Trípoli, Derna, Mogador,
Tomboctu, Monróvia,
Vejo o formigar de Pequim, Cantão,
Benares, Delhi, Calcutá, Tóquio,
Vejo turcos fumando ópio em Alepo,
Vejo as multidões pitorescas das feiras de
Kiva e as de Herate,
Vejo Teeran, vejo Mascate e Medina e a
areia que as separa, ao caminhar lento
das caravanas,
Vejo o Egito e os egípcios, vejo as
pirâmides e os obeliscos,
Distingo as histórias inscritas a cinzel, os
anais dos reis conquistadores e das
dinastias, gravadas em tabuinhas de
louça ou em blocos de granito,

Vejo a Mênfis das necrópoles subterrâneas
que encerram múmias embalsamadas,
enfaixadas, sudários, que alí repousam
há tantos séculos,
Contemplo o Tebano caído, seus grandes
olhos redondos, cabeça pendente para
o lado, mãos cruzadas sôbre o peito.

Vejo o trabalho de todos os párias da
terra,
Vejo todos os prisioneiros em suas prisões,
Vejo os defeituosos corpos humanos da
terra,
Os cegos, os surdos-mudos, os cretinos, os
corcundas, os loucos,
Os piratas, ladrões, traidores, assassinos,
negreiros da terra,
Os menores abandonados, velhas e velhos
abandonados.

Vejo em tôda a parte homens e mulheres,
Vejo a serena fraternidade dos filósofos,
Vejo as faculdades construtivas da minha
raça,

Vejo os resultados da perseverança e a
indústria de minha raça,
Vejo as castas e as côres, a barbárie e a
civilização, sigo por entre êles, e nêles
me misturo indistintamente,
E a todos os habitantes da terra, saúdo.

Quem quer que sejas,
filho ou filha da Inglaterra!
Vós, rudes populações do império slavo!
Vós, russos da Rússia!
Tu africano de obscura ascendência, pele
negra, alma divina, grande, de formosa
cabeça, de formas nobres, de soberbo
destino, em igualdade comigo!
Tu, norueguês! sueco! dinamarquês!
islandês! Tu, prussiano!
Tu, espanhol de Espanha! Tu, português!
Vós, franceses e francesas de França!
Tu, Belga! Tu dos Países Baixos,
apaixonado da liberdade, de cuja raça
eu nasci,

Tu, austríaco sólido! Tu, lombardo! Huno!
Boêmio! Camponês da Estíria!
Tu, ribeirinho do Danúbio!
Tu, obreiro do Reno, do Elba ou do
Weser! Vós, também, obreiros!
Tu, sardo! Tu, bávaro! Suabo! Saxão!
Valaco! Búlgaro!
Tu, romano! Napolitano! Tu, grego!
Tu, ágil matador dos picadeiros de
Sevilha!
Tu, montanhês que vives sem leis no
Tauro e no Cáucaso!
Tu, búcaro, pastor de cavalos, que guardas
e apascentas jumentos!
Tu, persa de corpo admirável que, na
sela, à tôda velocidade, acertas tuas
flexas no alvo!
Vós, chineses e chinesas da China! Tu,
tártaro da Tartária!
Vós, mulheres da terra sujeitas aos vossos
trabalhos!
Tu, judeu que jornadeias em tua velhice,

através de todos os perigos para gozar um dia o sol da Palestina!

Vós, judeus de todos os países, que esperais o Messias!

Tu, armênio sonhador que meditas à margem de algum braço do Eufrates! Tu que interrogas a olhar as ruínas de Nínive! Tu que sobes o monte Ararate!

Tu, peregrino de pés cansados que saúdas os minaretes da cintilante Meca na lonjura!

Vós, cheiques que, na extensão de Suez a Bab-el-Mandebe, governais vossas famílias e tribos!

Tu, que cultivas oliveiras e recolhes os frutos nas campinas de Nazaré, de Damasco ou do lago Tiberíades!

Tu, traficante tibetano que percorres o vasto interior ou negocias nas lojas de Lassa!

Tu, japonês ou japonesa! Tu que vives em Madagascar, Ceilão, Sumatra, Borneo!

Vós todos da Ásia, África, Europa,

Austrália, pouco importa o lugar!
Vós todos das ilhas inúmeras dos
arquipélagos do mar!
E vós dos séculos vindouros, quando me
escutareis!
E vós, cada um de vós, em todos os
lugares, que não cito sequer, mas a
todos incluo!
Saúdo a todos! Amizade para todos vós,
de minha parte e da parte da América!

Cada um de nós é inevitável,
Cada um de nós é ilimitado — cada um
de nós tem seus direitos de homem ou
mulher sôbre a terra,
Cada um de nós participa dos eternos
desígnios da terra,
Cada um de nós está aquí por um direito
tão divino como o de qualquer outro.

12

Tu, Hotentote que estalas a língua! Vós,
hordas de cabelos encarapinhados!

Vós, servos de um senhor, que derramais
gotas de suor ou gotas de sangue!
Vós, figuras humanas de insondáveis e
eternos semblantes de brutos!
Tu, pobre Cobú que os mais sórdidos
olham com piedade a tua linguagem e
teu espírito vacilante!
Vós, anões de Camantchatca, da
Groelândia, da Lapônia!
Tu, negro australiano, nu, vermelho,
barbudo, de lábios carnudos, que buscas,
arrastando-te, o alimento!
Vós, cafre, bérbere, sudanês!
Tu, Beduíno terrível, estranho, ignorante!
Vós, enxames de empestados de Madrasta,
Nanquim, Kabul e do Cairo!

Tu, obscuro errante do Amazonas! Tu,
patagão! Tu, indígena das Fiji!
Não prefiro outros mais do que a vós,
Eu não pronuncio uma única palavra
contra vós, por atrazados que sejais,
(Na hora devida avançareis ao meu
lado).

Meu espírito percorreu compassivo e
resoluto ao derredor de tôda a terra,
Procurei os iguais e os amigos e os
encontrei preparados em tôdas as
regiões.
Creio que alguma divina concordância a
êles me iguala.

Vapores dos mares, convosco zarpei em
busca dos continentes longínquos, e
nêles ancorei por justos motivos,
Ventos, creio que soprei convosco;
Águas, convosco acariciei com o dedo
tôdas as margens,
Atravessei o que todo rio ou estreito do
mundo atravessou,
Coloquei-me nas bases das penínsulas e
nos altos cumes encastelados, para de
lá clamar:

— *Salve, ó mundo!*

Em tôda cidade em que a luz ou o calor
penetram, eu também penetro,
Para tôda ilha para onde voam os
pássaros, eu vôo também.

Para vós todos, em nome de América,
Ergo perpendicularmente a mão, para o
gesto
que deve permanecer após mim para todo
o sempre,
para todos os retiros e moradias dos
homens.

HÁ MUITO, HÁ MUITO TEMPO, AMÉRICA...

Há muito, há muito tempo, América,
Percorrendo os caminhos inteiramente
unidos e aprazíveis, tu sòmente
conheceste a lição da alegria e da
prosperidade,
Mas, hoje, deves aprender a lição das
crises de angústia, marchando para a
frente, lutando contra o mais terrível
destino sem recuar.
Hoje te cabe mostrar ao mundo o que
realmente são teus filhos *en masse*,
(Pois, com excepção de mim, quem
concebeu o que realmente êles são
en masse?).

TRANSBORDANTE DE VIDA...

Agora, transbordante de vida, densa e
visível,
No ano quarenta e um de minha
existência, no ano oitenta e três dos
Estados,
A alguém que viverá dentro de um século,
em qualquer número de séculos,
A vós, que ainda não haveis nascido,
dedico êstes cantos, esforçando-me por
alcançar-vos.
Quando os lerdes, eu que sou agora visível
hei-de me ter tornado invisível;
Então sereis vós, denso e visível, quem
lerá os meus poemas, quem se esforçará
por compreendê-los,
Imaginando-vos quão feliz seria se me

fôra dado estar ao vosso lado e converter-me em vosso camarada;
Que seja pois, como se eu assim estivesse.

(Não duvideis demasiadamente que não esteja já ao vosso lado).

CANTO DA ESTRADA REAL

1

A pé, alegre, sigo pela estrada real,
Saudável e livre, o mundo diante de mim,
O amplo caminho da terra morena à
minha frente me conduz aonde me
agrada.

Daquí por diante não interrogarei o
destino, eu mesmo serei o destino,
Daquí por diante, não lamentarei mais,
não adiarei mais, de nada mais
necessitarei,
Darei um fim às queixas de quartos
cerrados, de bibliotecas de críticos
plangentes,
Forte e contente sigo pela estrada real.
A terra, e isto basta,

Não desejo que as constelações estivessem
mais próximas,
Sei que elas estão muito bem onde estão,
Sei que elas bastam àqueles que lhes
pertencem.

(Até aquí trago minha antiga e venturosa
carga,
Levo-os, homens e mulheres, levo-os
comigo onde quer que eu vá.
Juro que me é impossível dêles me
desfazer,
Eu dêles me impregnei, e em troca quero
impregná-los.)

2

Tu, caminho por onde me embrenho e
volvo meus olhos,
não creio que sejas o único que existe por
aquí,
Creio que ainda existem muitas coisas
invisíveis.

Eis a lição profunda da aceitação, sem
preferências nem repulsas,
Os negros de cabelos crespos,
os criminosos, os doentes, os incultos
não são repelidos;
O parto, a busca apressada do médico, o
mendigo que caminha, o bêbado que
claudica, o grupo de obreiros com suas
gargalhadas,
O adolescente que escapa, a carruagem do
ricaço, o elegante, o casal em fuga,
O homem madrugador dos mercados, o
carro fúnebre, as mudanças na cidade,
o retôrno para a cidade,
Êles passam, eu também passo, tudo passa,
a ninguém é proibido,
Todos são aceitos, todos me são simpáticos.

Tu, ar que me dás o alento para falar!
Vós, objetos que do disperso tirais meus
desígnios e lhes dais forma!

Tu, luz que me envolves, e a tôdas as
coisas com as tuas delicadas e
igualitárias ondas,
Vós, veredas gastas, escavadas pelos
passos irregulares, à margem dos
caminhos!
Creio que guardais o segrêdo de invisíveis
existências,
Vós me sois tão queridas!
Vós, avenidas ladrilhadas das cidades!
Vós, sólidas orlas de aço das esquinas!
Vós, barcos! Vós, planchas e estacas dos
cais! Vós, urnas guarnecidas de
madeira! Vós, navios, ao longe!
Vós, fileiras de casas! Vós, fachadas
cravadas de janelas! Vós, tetos!
Vós, pórticos e portas! Vós cumieiras e
grades de ferro!
Vós, janelas cujos vidros transparentes
deixariam ver tantas coisas!
Vós, pedras cinzentas dos intermináveis
pavimentos!
Vós pisoteadas encruzilhadas!

De quantos vos tenham tocado creio que
algo conservastes em vós, e agora
quereis me participar em segrêdo,
Com vivos e com mortos povoastes vossa
impassível superfície e os seus espíritos
quereriam me testemunhar sua presença
e amizade.

4

À direita e à esquerda, se estende a terra
O quadro é vivo, cada uma de suas partes
mostra-se à luz mais clara,
Dòcilmente a música ressoa alí onde a
pedimos, e cala-se onde não a pedimos
mais,
Alegre é a voz do caminho, suave e
alegre o sentimento dos caminhos.
Ó grande caminho que eu percorro, tu
me dizes: *Não me deixes?*
Dizes: *Não te inquietes — se me deixares*
estarás perdido?
Dizes: *Já estou pronto, — sinto-me*
calcado por todos e ninguém me
responde: junta-te a mim?

Ó caminho público, eu te respondo: não
tenho mêdo de te abandonar, e contudo
eu te quero bem,
Melhor me expressas do que por mim
posso expressar,
Serás para mim mais que um poema.

Creio que tôdas as ações heróicas foram
concebidas em pleno ar, e também todos
os poemas livres,
Creio que poderia me deter aquí e eu
mesmo realizar milagres,
Creio que amarei tudo quanto encontre
no caminho, e seja quem fôr que me
olhe me amará,
Creio que quantos vejo devem ser felizes.

5

A partir desta hora ordeno a mim mesmo
liberta-te dos limites e das linhas
imaginárias,
Irei onde eu quiser, senhor total e
absoluto de mim mesmo,

Escutarei os outros, examinarei
atentamente o que dizem,
Deter-me-ei, aceitarei, meditarei,
E, mansamente, mas com vontade
indomável, dei-de me esquivar
aos compromissos que me queiram
aprisionar.

Aspiro grandes golfadas de espaço,
O este e oeste me pertencem, o norte e
sul me pertencem
Sou maior e melhor do que eu pensava,
Eu não sabia que em mim continha tantas
coisas boas.

Tudo me parece admirável.
Posso sem cessar repetir aos homens e
mulheres: Vós me fizestes tanto bem
que desejaria outro tanto devolver-vos.
Quero ao largo dos caminhos absorver
fôrças novas para mim e para vós,
Eu me dispersarei entre os homens e as
mulheres do meu caminho,

Espargirei uma alegria e uma rudez novas
entre êles,
Se alguém me repelir, não me pertubarei,
Quem me aceitar, êle ou ela, por mim
será bendito e me abendiçoará.

6

Se agora me apresentarem um milhar de
homens perfeitos, não me surpreenderão,
Se agora me aperesentarem um milhar de
mulheres de corpo admirável não me
assombrarão.

Agora vejo o segrêdo da formação dos
indivíduos superiores,
É desenvolver-se em pleno ar, comer e
dormir em companhia da terra.
Há lugar aquí para o desabrochar de uma
grande personalidade,
E êste desabrochar se apodera do coração
de tôda a raça dos homens,
A fôrça e a vontade que difundem
submergem as leis, repelem

as autoridades, os argumentos coligados
contra ela.
Aquí se põe em prova a sabedoria,
A sabedoria não se põe à prova nas
escolas,
A sabedoria não pode ser transmitida por
quem a possui para quem a não possui,
A sabedoria pertence à alma, não é
susceptível de prova, ela própria é sua
prova,
Aplica-se a todos os graus e objetos e
qualidades, e permanece satisfeita,
É a certeza da realidade e imortalidade
das coisas, da excelência das coisas;
Algo há no espetáculo móvel das coisas
que a faz jorrar da alma.
Agora analiso as filosofias e religiões:
Podem parecer boas nas salas de
conferências, e, no entanto, nada
significarem sob as densas nuvens, ante
a paisagem e as águas correntes.
Aqui é onde se realizam,
Aquí é onde o homem sente suas

concordâncias, — aquí êle realiza o que existe nêle,
O passado, o futuro, majestade, amor — se isto soar vazio para vós, é que disso estais vazio.
Só a amêndoa oculta de cada coisa alimenta;
Onde está aquêle que arrancará a casca para vós e para mim?
Onde está aquêle que desenvolverá os estratagemas e desfará as envolturas para vós e para mim?
Aqui é onde se manifestam as afeições, elas não são preparadas de antemão; sobrevêm imprevistas.
Sabeis o que é ser amado por desconhecidos quando passais?
Conheceis a eloqüência das pupilas que se volvem para vós?

Aquí está o fluxo da alma,
O fluxo da alma que emana do íntimo,

através dos portais sombrios,
provocando incessantes perguntas,
Por que êstes ímpetos, por que? Por que
êstes pensamentos nas trevas, por que?
Por que existem homens e mulheres que,
quando se aproximam de mim, os raios
de sol dilatam meu sangue?
Por que, quando me abandonam, minhas
chamas de alegria declinam brandas e
frouxas?
Por que há árvores sob as quais nunca
passeio sem que amplos e melodiosos
pensamentos desçam sôbre mim?
(Creio que êles permanecem suspensos
dessas árvores, tanto no inverno como
no verão, e sempre deixam cair seus
frutos quando eu passo);
O que troco tão sùbitamente com os
desconhecidos?
Com êste cocheiro, quando viajo na sege
ao seu lado?
Com êste pescador que atira o anzol ou

a rede ao rio, e quando passo ao lado
dêle e me detenho?
O que me leva a sentir-me acessível à
simpatia de um homem ou de uma
mulher?
E o que os torna acessível à minha?

8

O fluxo da alma é felicidade, eis a
felicidade,
Creio que enche o ar, em perpétua espera,
Agora corre em nós, eis-nos extravasando
dela.
Aquí surge o império fluído da simpatia,
O fluído caráter da simpatia que gera a
fraqueza e a suavidade do homem e
da mulher,
(As ervas da manhã não brotam cada dia
mais mansas e mais suaves do fundo
de suas raíses, como ela brota mansa e
suave continuamente do fundo de si
mesma)

Para ela, o fluído da simpatia transpira
de amor jovens e velhos,
Filtra gôta a gôta o encanto que ri da
beleza e dos talentos,
Para ela se eleva o desejo trêmulo e
doloroso do contato.

9

Vamos! Quem quer que sejas, vem
comigo!
Ao meu lado encontrarás o que jamais
fatiga.
A terra jamais fatiga,
A terra é rude, taciturna, icompreensível
ao primeiro olhar,
A natureza é rude e incompreensível ao
primeiro olhar,
Não te desencorages, continua, as coisas
divinas sempre permanecem
cuidadosamente ocultas,
Eu te juro que há coisas divinas ocultas
que são mais belas do que podem dizer
as palavras.

Vamos! Não convém parar aquí,
Por mais gratas que sejam as reservas
aqui acumuladas, por mais alegre que
seja esta paragem, não podemos parar
aquí;
Por abrigado que seja êste porto e calmas
estas águas, não lancemos âncora aquí,
Por acolhedora que seja a hospitalidade
que nos cerca, não devemos saboreá-la
senão por curto instante.

10

Vamos! carecemos de maiores
estimulantes,
Navegavamos por mares desconhecidos e
selvagens,
Iremos onde sopram os ventos, onde as
vagas se quebram furiosamente, onde
o veleiro "yankee" singra com tôdas as
velas sôltas.
Vamos! Com potência e com liberdade,
com a terra e com os elementos,

Com saúde, altivez, alegria, orgulho,
curiosidade;
Vamos! Além de tôdas as fórmulas!
Além de vossas fórmulas, clérigos
materialistas de olhos de morcego.

O cadáver putrefato obstrui a passagem.
Não esperemos mais para sepultá-lo.
Vamos! Mas antes me ouvi!
O que segue comigo necessita do melhor
sangue, músculos e dureza.
Ninguém ouse acompanhar-me se não
tiver coragem e saúde.
Não se arrisquem os que tiverem gasto o
melhor de si mesmos,
Só podem vir os que se apresentem com
corpo puro e resoluto,
Os doentes, os alcoolatras, os apodrecidos
não serão dos nossos.
(Nem eu nem os meus convencemos à
custa de argumentos, comparações nem
estrofes rimadas,
Convencemos com a nossa presença).

Escutai! Quero ser sincero convosco,
Não vos ofereço os fáceis prêmios do
passado, rudes e novos são os prêmios
que vos ofereço,
Assim serão os dias que vos caberão em
partilha:
Não acumulareis o que chamais riqueza,
Distribuireis com mão pródiga tudo
quanto ganhardes com vosso trabalho
ou vossos méritos,
Apenas chegados à cidade que vos foi
destinada, apenas instalados, um ímpeto
irresistível há-de vos forçar a deixá-la,
Então, recebereis os sorrisos irônicos e as
zombarias dos sedentários e dos que
ficam atrás de vós,
Se receberdes alguns sinais de afeição
respondereis com apaixonados adeuses,
Não permitireis que vos retenham,
embora vos abram e estendam os
braços com amor!

Vamos! Sigamos os grandes companheiros,
para que nos tornemos um dêles!
Também êles seguem o caminho,
São os mais esbeltos e majestosos homens;
as mais formosas mulheres,
Amam os mares tranqüilos como os mares
tempestuosos,
Navegaram em muitos navios,
caminharam muitas léguas de terra
firme,
Conheceram países longínquos,
conheceram longínquos lugares,
Confiaram nos homens e mulheres,
observaram cidades, laboriosos
solitários,
Detiveram-se a contemplar as ervas
silvestres, as flôres e as conchas das
praias,
Dansaram nas núpcias, abraçaram a
desposada, acariciaram ternamente as
crianças, trouxeram-nas ao colo,
Soldados das revoltas, contempladores dos

túmulos recem-abertos, ajudaram a
descer os ataúdes,
Jornadearam de estação em estação, anos
consecutivos, curiosos anos, cada um
emergindo do que o precedeu,
Caminheiros como seus camaradas, nas
diversas fases sem nome de si mesmos,
Andando desde a primeira idade latente,
e inconsciente,
Caminheiros alegres com a própria
juventude, caminheiros com a própria
virilidade barbuda e impertérrita,
Caminheiros com sua feminilidade ampla,
insuperada e feliz,
Caminheiros com sua velhice sublime de
homem ou de mulher,
Velhice calma, dilatada, ampla com a
altiva majestade do universo,
Velhice que avança livremente como
aliviada pela deliciosa liberdade
próxima da morte.

Vamos! Para o que não tem fim nem teve
princípio,
Para sofrer o indizível, na lassidão dos
dias, no repouso das noites,
Para fundí-los ainda na partida para as
maiores viagens,
Nada verás em parte alguma que não
possas atingir e ultrapassar,
Não conceberás qualquer tempo, por
afastado que seja, que não possas
atingir e ultrapassar,
Não levantarás nem baixarás teus olhos
sôbre qualquer caminho que não se
estenda e te espere,
Não verás qualquer existência, seja a
de Deus ou de qualquer outro, que
não possas realizar,
Não verás qualquer posse que não te
caiba possuir, gôzo de tudo sem
trabalho nem compra, desviando de

teu proveito a festa, sem contudo de
ti desviar uma parcela,
Escolherás o melhor da granja do
camponês e da elegante mansão do
rico, das castas alegrias dos
desposados, dos frutos dos vergéis, das
flôres dos jardins,
Levarás contigo as multidões das cidades
densas que atravessares,
Mais tarde levarás contigo os edifícios
e as ruas para tôda a parte onde fôres,
cujo cérebro quando cresceres,
colherás a afeição de seus corações,
Levarás teus amigos ao longo dos
caminhos, embora os deixes atrás,
Considerarás o próprio universo como
um caminho, como muitos caminhos,
como caminhos para as almas
migradoras.

A origem de tudo parte da viagem das
almas,
Tôdas as religiões, tôdas as coisas
sólidas, artes, governos,

Tudo quanto é ou foi aparente sôbre
êste globo ou em qualquer outro globo,
Oculta-se em esconderijos e recantos,
ante a procissão das almas sôbre os
grandes caminhos do universo.
Da viagem das almas, homens e
mulheres, sôbre os grandes caminhos
do universo, todos os outros são
emblemas e alimentos necessários.

Alerta sempre! Sempre para a frente!
Graves, solenes, entristecidos,
melancólicos, escarnecidos, loucos,
turbulentos, débeis, descontentes,
Desesperados, altivos, amorosos, enfermos,
aceitos pelos homens e rejeitados pelos
homens,
Êles vão. Vão! Sei que êles vão, mas
ignoro para onde vão!
Sei, porém, que vão para o melhor,
Para algo de grande.

Quem quer que sejas, para a frente!
Homem ou mulher, para a frente!

Não deves permanecer a dormir e a
vegetar em casa, embora a tenhas
construído, ou a tenham construído
para ti.
Sai dos negros limites! Sai de entre as
cortinas!
É inútil que protestes, sei de tudo, e o
denuncio.

Olha dentro de ti, que não vales mais
que os outros,
Através dos risos, dansas, jantares, ceias
coletivas,
Sob os costumes e ornamentos, sob essas
faces lavadas e besuntadas,
Olha o secreto desgôsto e o desespêro
silencioso.

Nem o marido nem a mulher ou o amigo,
a ninguém nos fiemos para ouvir a
confissão,
É um outro eu, um duplo de cada um,
que, a passos furtivos, oculta e
dissimula seu verdadeiro ser,

Amorfo e sem voz pelas ruas das cidades,
polido e elegante nos salões,
Nos vagões da estrada de ferro, nos
navios, nas assembléias públicas,
Nas moradias dos homens e das mulheres,
à mesa, no quarto, em tôda a parte,
Elegantes rostos sorridentes, talhe erguido,
a morte no peito, o inferno no cérebro,
Sob as blusas e as luvas, sob os cintos e
as flôres artificiais,
Respeitosos dos costumes, nada fazem de
si mesmos,
Falando de qualquer coisa, mas jamais
de si mesmos.

14

Vamos! Através de lutas e de guerras!
A meta que foi assinalada não poderemos
abandonar.

Foram felizes as lutas do passado?
O que é que surtiu bom efeito?
Tu mesmo? Tua nação? A Natureza?

Escuta: foi estipulado na essência das coisas que de todo sucesso recolhido, pouco importa qual seja, deve sair algo que torne necessário um maior esfôrço.
Meu apêlo é o apêlo da batalha, eu alimento a rebelião ativa,
Aquêle que vem comigo deve vir bem armado,
Aquêle que vem comigo terá por companheiros a fome, a miséria, inimigos furiosos, e o desamparo.

15

Vamos! O caminho está aberto à nossa frente!
Êle é seguro —eu já o experimentei — meus pés já o provaram
cuidadosamente: que nada te retenha!
Que as fôlhas fiquem abertas sôbre a escrivaninha, e o livro sem abrir em seu armário!

Que os instrumentos permaneçam nas
oficinas! Que o dinheiro permaneça sem
ser ganho!
Que repouse a escola! Não importa os
brados dos mestres!
Que o pregador pregue em sua cátedra!
Que arrazoe o advogado no tribunal,
e o juiz exponha a lei.
Camarada, dá-me tua mão!
Eu te dou meu afecto mais precioso que
o dinheiro,
Eu te dou a mim mesmo em vez de
prédicas e de leis.
Queres dar-te a mim? Queres seguir
comigo?
Seguiremos juntos, um ao lado do outro,
enquanto durarem nossas vidas!

✻

Composto e impresso
na
EMPRÊSA GRÁFICA CARIOCA S. A.
à
Rua Brigadeiro Galvão, 225 - 235
em outubro de 1958
São Paulo

✻

650